

FORGOTTEN REALMS®

EXÍLIO



A TRILOGIA
DO ELFO NEGRO

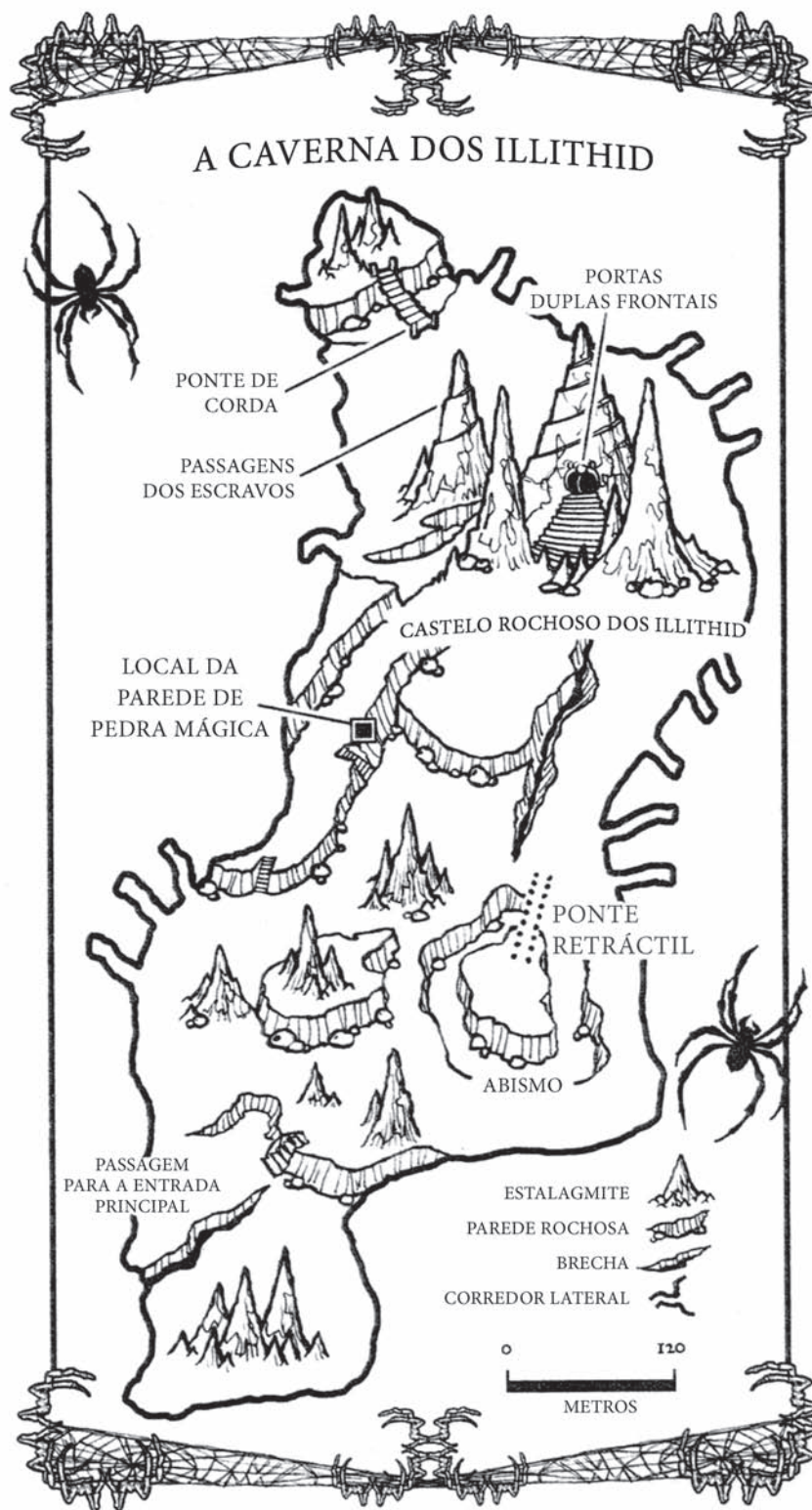
RA SALVATORE

Tradução de Mário Matos



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
Para quem quer fugir da rotina







Prelúdio

O monstro arrastava-se pelos silenciosos corredores do Subescuro, com as suas oito pernas escamosas roçando ocasionalmente pela rocha. Não se encolhia com os seus próprios ruídos retumbantes, sem recear o rumor revelador. Nem fugia em busca de protecção, antevendo o assalto de outro predador. Porque até mesmo nos perigos do Subescuro esta criatura só conhecia a segurança, confiante na sua capacidade para derrotar qualquer inimigo. O seu hálito fedia a veneno mortal, os gumes afiados das suas garras cavavam profundas feridas na rocha e as filas de dentes semelhantes a lanças que se alinhavam na mandíbula letal eram capazes de rasgar as mais fortes couraças. Mas o pior de tudo era o olhar do monstro, o olhar de um basilisco, que era capaz de transmutar em pedra sólida qualquer coisa viva em que assentasse.

Esta criatura, enorme e terrível, estava entre as maiores do seu género. Não sabia o que era o medo.

O caçador viu o basilisco a passar, tal como já antes o vira nesse mesmo dia. O monstro de oito pernas era aqui um intruso, invadindo o domínio do caçador. Vira o basilisco matar vários dos seus rothe — as pequenas criaturas semelhantes a vacas que forneciam a sua mesa — com o hálito venenoso, e o resto da manada fugira cegamente pelos túneis intermináveis, possivelmente para não mais voltar.

O caçador estava zangado.

Observava agora o monstro a avançar pela passagem estreita, precisamente o caminho que o caçador suspeitara que ele tomaria. Desembainhou

as armas, ganhando confiança, como sempre, assim que sentiu como eram equilibradas. O caçador possuía-as desde a infância, e mesmo passadas quase três décadas de uso constante, quase não mostravam quaisquer sinais de desgaste. Agora, seriam de novo postas à prova.

O caçador voltou a embainhar as armas e esperou pelo som que o haveria de fazer entrar em acção.

Um uivo gutural fez o basilisco parar. O monstro espreitou para a frente, curioso, embora os seus olhos fracos pouco conseguissem perceber para além de um ou dois metros. O uivo ouviu-se de novo e o basilisco agachou-se, à espera que o adversário, a sua próxima vítima, saltasse para a sua frente para morrer.

Bem mais atrás, o caçador saiu do seu esconderijo, correndo com uma rapidez quase impossível pelas pequenas brechas e saliências das paredes do corredor. Com a sua capa mágica, o *piwafwi*, estava invisível e indistinguível da pedra; e, com os seus movimentos ágeis e bem treinados, não fazia um único ruído.

Chegou impossivelmente silencioso, e impossivelmente depressa.

O uivo ouviu-se de novo, vindo de diante do basilisco, mas não estava mais próximo. O monstro impaciente avançou, ansioso por começar a matança. Quando o basilisco passou por debaixo de uma arcada baixa, um globo impenetrável de escuridão absoluta envolveu-lhe a cabeça e o monstro parou subitamente e deu um passo para trás, tal como o caçador já sabia que faria.

O caçador caiu-lhe então em cima. Saltou da parede da passagem, executando três acções diferentes antes mesmo de atingir o objectivo. Primeiro, lançou um feitiço simples que contornou a cabeça do basilisco com chamas púrpura e azuis brilhantes. Depois, puxou o capuz para tapar a cara, porque não precisava dos olhos em combate e, contra um basilisco, um olhar a direito só o poderia derrotar. Finalmente, puxando as cimitarras mortíferas, aterrou sobre as costas do monstro e trepou usando as escamas para chegar à cabeça.

O basilisco reagiu assim que as chamas dançantes lhe contornaram a cabeça. Não queimavam, mas o contorno que desenhavam fazia dele um alvo fácil. O basilisco virou-se para trás, mas antes que a cabeça tivesse girado metade do percurso, a primeira cimitarra já lhe tinha mergulhado num dos olhos. A criatura recuou e sacudiu-se, tentando chegar ao atacante. Expelia vapores letais e sacudia a cabeça em todas as direcções.

O caçador foi mais rápido. Manteve-se atrás da mandíbula, longe do alcance mortal. A segunda cimitarra encontrou o outro olho do monstro, e depois o caçador libertou toda a sua fúria.

O basilisco era o intruso; tinha morto os seus rothe! Golpe após golpe

furioso abateu-se sobre a cabeça couraçada do basilisco, arrancando escamas e mergulhando em busca de carne por baixo delas.

O basilisco percebeu o perigo que corria, mas mesmo assim acreditava que venceria. Sempre vencera. Se ao menos conseguisse apontar o hálito venenoso ao caçador furioso.

O segundo adversário, um adversário felino que rugia, caiu então sobre o basilisco, atirando-se sem medo contra a mandíbula cujos contornos estavam bem delineados pelos fogos mágicos. O grande felino agarrou-se sem dar qualquer importância aos vapores tóxicos, pois era um animal mágico, imune a tais ataques. Garras de pantera cavaram linhas profundas nas gengivas do basilisco, deixando o monstro beber do seu próprio sangue.

Por detrás da enorme cabeça, o caçador investiu uma e outra vez, cem vezes, e ainda mais. Selvaticamente, cruelmente, as cimitarras abatiam-se contra a armadura de escamas, rasgando a carne e penetrando o crânio, abatendo o basilisco até à escuridão da morte.

Muito depois de o monstro já estar caído e imóvel é que o golpear das cimitarras ensanguentadas abrandou.

O caçador retirou o capuz e inspeccionou a pilha desfeita de massa pegajosa aos seus pés e as nódoas quentes de sangue nas espadas. Ergueu as cimitarras a escorrer sangue no ar e proclamou a vitória com um grito de exultação primevo.

Era o caçador, e esta era a sua casa!

Depois de despejar toda a raiva nesse grito, porém, o caçador olhou para o companheiro e ficou envergonhado. Os olhos enormes da pantera julgavam-no, ainda que a pantera o não fizesse. O felino era o único elo do caçador com o passado, com uma existência civilizada que o caçador em tempos conhecera.

— Vem, Guenhwyvar — murmurou enquanto embainhava de novo as cimitarras. Deliciou-se com o som destas palavras enquanto as pronunciava. Era a única voz que ouvira em mais de uma década. Mas, cada vez que agora falava, as palavras pareciam ainda mais estranhas e chegavam-lhe com dificuldade.

Perderia essa capacidade, também, como perdera quase todos os outros aspectos da sua anterior existência? Isso era coisa que o caçador receava muito, porque sem a sua voz não poderia convocar a pantera.

Então ficaria verdadeiramente só.

Pelos longos corredores do Subescuro seguiram o caçador e o seu felino, sem fazer um ruído, sem fazer mexer uma pedra. Juntos, tinham aprendido a conhecer os perigos deste mundo de sussurros. Juntos tinham aprendido a sobreviver. Apesar desta vitória, contudo, o caçador não sorria, nesse dia.

Não temia inimigos, mas já não tinha a certeza se a sua coragem vinha da confiança ou se vinha da apatia que sentia em viver.
Talvez a sobrevivência não bastasse.



PARTE I
O CAÇADOR

Lembro-me vivamente do dia em que me afastei da cidade onde nasci, da cidade da minha gente. Todo o Subescuro estava diante de mim — uma vida de aventura e de excitação, cheia de possibilidades que me enchem o coração. Mais do que isso, porém, deixei Menzoberranzan com a crença de que poderia agora viver a minha vida de acordo com os meus princípios. Tinha Gue-nhwyvar ao meu lado, e as minhas cimitarras à cintura. O meu futuro, cabia-me a mim decidi-lo.

Mas aquele drow, o jovem Drizzt Do'Urden que se afastava de Menzoberranzan nesse dia fatídico, ainda mal entrado na décima quarta década de vida, não podia imaginar a verdade do tempo, de como a sua passagem parece tornar-se mais lenta quando os momentos não são partilhados com outros. Na minha exuberante juventude, olhava com expectativa para vários séculos de vida que tinha pela frente.

Como se medem séculos, quando uma simples hora parece um dia, e um único dia parece um ano?

Para além das cidades do Subescuro, há comida para aqueles que sabem como encontrá-la, e segurança para os que sabem esconder-se. Mais do que qualquer outra coisa, no entanto, para além das cidades fervilhantes do Subescuro, há a solidão.

Enquanto me tornava uma criatura dos túneis vazios, a sobrevivência tornava-se mais fácil e mais difícil ao mesmo tem-

po. Ganhei a destreza física e a experiência necessárias para continuar a viver. Conseguia derrotar praticamente tudo o que se aventurasse nos meus domínios, e aqueles poucos monstros que não conseguia derrotar, conseguia certamente fugir ou esconder-me deles. Não demorei muito, porém, a descobrir um inimigo mortal que não poderia derrotar, nem de que poderia fugir. Seguia-me para onde quer que fosse — na verdade, quanto mais longe eu fugia, mais ele me cercava. O meu inimigo era a solidão, o interminável, incessante silêncio dos corredores mudos.

Olhando agora para isso, tantos anos passados, dou comigo espantado e boquiaberto perante as mudanças que sofri sob uma tal existência. A própria identidade de todo o ser pensante é definida pela linguagem, pela comunicação entre esse ser e os que o rodeiam. Sem esse elo, estava perdido. Quando deixei Menzoberranzan, decidi que a minha vida seria baseada em princípios, com a minha força a aderir a crenças inquebrantáveis. No entanto, após apenas alguns meses sozinho no Subescuro, o único objectivo da minha sobrevivência era a minha sobrevivência. Tornara-me uma criatura de instintos, calculista e manhosa, mas não pensante, não usando a minha mente para nada mais do que dirigir a próxima morte.

Guenhwyvar salvou-me, creio. O mesmo companheiro que me arrancara a uma morte certa sob as garras de inúmeros monstros salvou-me de uma morte pelo vazio — menos dramática, talvez, mas não menos fatal. Dei comigo a viver para esses momentos em que o felino podia andar ao meu lado, quando tinha outra criatura viva para ouvir as minhas palavras, por muito fatigadas que se tivessem tornado. Para além de qualquer outro valor, Guenhwyvar tornou-se o meu relógio, pois sabia que o felino só podia vir do seu Plano Astral durante meio-dia, dia sim, dia não.

Só depois de as minhas provações terem terminado me apercebi de como esse um quarto do meu tempo tinha sido realmente crítico. Sem Guenhwyvar, não teria encontrado a determinação para prosseguir, nunca teria mantido a força para sobreviver.

Mesmo quando Guenhwyvar estava ao meu lado, dava comigo a ficar cada vez mais ambivalente em relação a lutar. Começara secretamente a esperar que uma qualquer criatura do Subescuro se mostrasse mais forte do que eu. Poderia a dor de

*uma presa ou de uma garra ser maior do que a do vazio e do silêncio?
Penso que não.*

— Drizzt Do'Urden





I PRESENTE DE ANIVERSÁRIO

A Matrona Malice Do'Urden remexeu-se inquieta no trono de pedra da pequena e escura antecâmara da grande capela da Casa Do'Urden. Para os elfos negros, que mediam a passagem do tempo em décadas, este era um dia para ser marcado nos anais da casa de Malice: o décimo aniversário do conflito em aberto entre a família Do'Urden e a Casa Hun'ett. A Matrona Malice, que nunca perdia uma celebração, tinha um presente especial preparado para os seus inimigos.

Briza Do'Urden, a filha mais velha de Malice, uma grande e forte fêmea drow, andava para trás e para diante na antecâmara, impaciente, o que não era invulgar nela.

— Já deveria ter acabado, por esta altura — resmungou, enquanto dava um pontapé num pequeno banco de três pernas. Este rebolou e virou-se, rasgando um pedaço de estofado de musgo.

— Paciência, minha filha — respondeu Malice, um pouco em tom de reprimenda, embora partilhasse dos sentimentos de Briza. — Jarlaxle é cauteloso.

Briza virou costas perante a menção desse ultrajante mercenário, e dirigiu-se às portas de pedra ricamente trabalhadas. Malice não deixou de perceber o significado das acções da filha.

— Não aprovas Jarlaxle e o seu bando — comentou sem emoção a Matrona Mãe.

— São uns vadios sem casa — rosou Briza em resposta, mas ainda sem se virar para a mãe. — Não há lugar em Menzoberranzan para

vadios sem casa. Perturbam a ordem natural da nossa sociedade. E são machos!

— Servem-nos bem — lembrou-lhe Malice.

Briza quis argumentar com o custo extremo de contratar mercenários, mas, sensatamente, manteve a boca fechada. Ela e Malice andavam em oposição continuamente, praticamente desde o início da guerra Do'Urden – Hun'ett.

— Sem os Bregan D'aerthe, não poderíamos tomar nenhuma atitude contra os nossos inimigos — prosseguiu Malice. — Usar os mercenários, os vadios sem casa, como lhes chamas, permite-nos fazer a guerra sem implicar a nossa Casa como perpetradora.

— Então, porque não despachar o assunto? — perguntou Briza, regressando rapidamente para junto do trono. — Matamos uns quantos soldados Hun'ett, eles matam uns quantos dos nossos. E entretanto, ambas as casas continuam a recrutar substitutos! Assim, nunca acaba! Os únicos vencedores deste conflito são os mercenários de Bregan D'aerthe... E seja lá qual for o bando que a Matrona SiNafay Hun'ett tiver contratado... E que se andam a alimentar dos cofres de ambas as Casas!

— Olha o tom, minha filha — rugiu Malice, num irado aviso. — Estás a falar com uma Matrona Mãe.

Briza virou costas de novo.

— Devíamos ter atacado a Casa Hun'ett imediatamente, na noite em Zaknafein foi sacrificado — atreveu-se a resmungar.

— Esqueces as acções do teu irmão mais novo nessa noite — respondeu Malice sem se alterar.

Mas a Matrona Mãe estava enganada. Nem que vivesse outros mil anos, Briza nunca esqueceria as acções de Drizzt na noite em que renegara a família. Treinado por Zaknafein, o amante favorito de Malice e considerado o melhor mestre de armas de toda a Menzoberranzan, Drizzt atingira um nível de destreza no combate que estava muito para além do normal entre os drow. Mas Zak dera também a Drizzt as atitudes perturbadoras e blasfemas que Lolth, a divindade da Rainha Aranha dos elfos negros, não poderia tolerar. Por fim, os modos sacrílegos de Drizzt tinham provocado a ira de Lolth, e a Rainha Aranha, por sua vez, exigira a sua morte.

A Matrona Malice, impressionada pelo potencial de Drizzt como guerreiro, agira então ousadamente em favor de Drizzt e oferecera a Lolth o coração de Zaknafein, para a compensar pelos pecados do filho. Perdoara a Drizzt na esperança de que este emendasse os seus comportamentos e viesse a substituir o mestre de armas deposto.

Em troca, no entanto, o ingrato Drizzt traíra-os a todos e fugira para o Subescuro; um gesto que não só deixava a Casa Do'Urden despojada do

seu único potencial mestre de armas, mas que também colocava a Matrona Malice e o resto da Casa Do'Urden longe do favor de Lolth. No desastroso final de todos os seus esforços, a Casa Do'Urden perdera o seu excelente mestre de armas, o favor de Lolth e o seu potencial novo mestre de armas. Não fora um dia bom.

Felizmente, a Casa Hunètt sofrera desaires semelhantes nesse mesmo dia, perdendo ambos os seus magos numa tentativa falhada de matar Drizzt. Com ambas as casas enfraquecidas e caídas em desgraça junto de Lolth, a guerra esperada transformara-se numa série calculada de raids dissimulados.

Briza nunca esqueceria.

Uma pancada na porta da antecâmara fez Briza e a mãe estremecerem, acordando-as das suas memórias desses tempos fatídicos. A porta abriu-se e Dinin, o Rapaz Mais Velho da Casa, entrou.

— Saudações, Matrona Mãe — disse Dinin, com os modos adequados e fazendo uma profunda vénia. Queria que as suas notícias fossem uma surpresa, mas o sorriso que acabou por se lhe abrir no rosto revelou tudo.

— Jarlaxle regressou! — murmurou Malice, radiante.

Dinin virou-se para a porta aberta e o mercenário, que esperava pacientemente no corredor, entrou com ar decidido. Briza, sempre espantada com os maneirismos invulgares do mercenário, abanou a cabeça enquanto Jarlaxle passava por ela. Quase todos os elfos negros de Menzoberranzan se vestiam de uma forma discreta e prática, com vestes adornadas pelos símbolos da Rainha Aranha ou com cotas de malha leves sob as pregas dos seus mantos mágicos de camuflagem, os *piwafwi*.

Jarlaxle, arrogante e espalhafatoso, seguia poucos dos costumes dos habitantes de Menzoberranzan. Estava longe da norma da sociedade drow e exibia essas diferenças abertamente, desafiadoramente. Não trajava um manto, nem uma veste longa, mas uma capa curta e brilhante que exibia todas as cores do espectro, tanto à luz como ao espectro infravermelho dos olhos sensíveis ao calor. A magia daquela capa só podia ser calculada, mas os que estavam mais próximos do chefe dos mercenários diziam que era de facto muito valiosa.

A capa de Jarlaxle não cobria os braços e era tão curta que o estômago magro e fortemente musculado ficava bem à vista de todos. Usava uma pala sobre um olho, ainda que os observadores mais atentos percebessem que era ornamental, pois mudava-a frequentemente de um olho para o outro.

— Minha cara Briza — disse Jarlaxle por cima do ombro, notando o interesse desdenhoso da alta sacerdotisa pela sua chegada. Girou sobre os calcanhares e fez uma vénia, fazendo rodopiar o chapéu de abas largas — ou-

tra singularidade, ainda mais invulgar porque o chapéu era adornado por penas monstruosas de uma diatryma, uma ave gigantesca do Subescuro.

Briza suspirou e virou costas perante a visão da cabeça inclinada do mercenário. Os elfos drow usavam o cabelo branco e espesso como sinal da sua posição e afiliação à Casa. Jarlaxle, o vadio, não usava cabelo nenhum e, do ângulo de visão de Briza, a cabeça rapada parecia uma bola de ónix polido.

Jarlaxle riu-se em silêncio perante a desaprovação continuada da filha mais velha da Casa Do'Urden e voltou-se de novo para a Matrona Malice, com as suas muitas jóias a tilintar e com as botas duras e brilhantes a ressoar a cada passo. Briza notou isso também, pois sabia que aquelas botas, e aquelas jóias, só pareciam fazer barulho quando Jarlaxle queria que o fizessem.

— Está feito? — perguntou a Matrona Malice, antes que o mercenário pudesse sequer iniciar a saudação devida.

— Minha cara Matrona Malice — respondeu Jarlaxle com um suspiro condoído, sabendo que podia deixar de lado as formalidades, tendo em conta as grandes novidades que trazia. — Duvidaste de mim? Fico evidentemente ferido no meu coração.

Malice desceu do trono, com os punhos cerrados em sinal de vitória.

— Dipree Hunètt está morto! — proclamou. — A primeira vítima nobre da guerra!

— Esqueces Masoj Hunètt — notou Briza. — Chacinado por Drizzt há dez anos. E Zaknafein Do'Urden — teve de acrescentar, contra o que mandaria o bom senso —, morto pelas tuas próprias mãos.

— Zaknafein não era nobre por nascimento — desdenhou Malice para a sua impertinente filha.

Mas as palavras de Briza tinham-na, mesmo assim, espicaçado. Malice decidira sacrificar Zaknafein no lugar de Drizzt, contra as recomendações de Briza.

Jarlaxle pigarreou, para aliviar a tensão. O mercenário sabia que tinha de terminar os seus assuntos e sair da Casa Do'Urden o mais depressa possível. Sabia bem — embora os Do'Urden não o soubessem — que a hora marcada estava a aproximar-se.

— Há ainda o assunto do meu pagamento — lembrou a Malice.

— Dinin tratará disso — respondeu Malice com um gesto da mão, sem desviar os olhos do olhar fixo e pernicioso da filha.

— Com a vossa licença, então — disse Jarlaxle, acenando para o Rapaz Mais Velho.

Antes que o mercenário desse o primeiro passo em direcção à porta, Vierna, a segunda filha de Malice, entrou de rompante na sala, com o rosto

a brilhar fortemente no espectro infravermelho, acalorada por uma óbvia exaltação.

— Raios... — murmurou Jarlaxle.

— Que se passa? — perguntou a Matrona Malice.

— A Casa Hunètt — gritou Vierna. — Há soldados no nosso complexo! Estamos a ser atacados!

* * *

No pátio, para lá do complexo das cavernas, quase quinhentos soldados da Casa Hunètt — uns bons cem mais do que os que a Casa Hunètt supostamente deveria ter — seguiam na esteira de raios de luz que tinham escancarado os portões de adamantite da Casa Do'Urden. Os trezentos e cinquenta soldados da Casa Do'Urden acorreram dos aglomerados de estalagmites que serviam de suas casernas, para conter o ataque.

Em inferioridade numérica, mas treinados por Zaknafein, os soldados Do'Urden formaram em posições defensivas ordenadas, protegendo os seus magos e sacerdotisas, para que estes pudessem lançar os seus encantamentos.

Um contingente inteiro de soldados da Casa Hunètt, fortalecido por encantamentos voadores, rodopiou pela parede da caverna que abrigava os aposentos nobres da Casa Do'Urden. Pequenos arcos de mão dispararam e fizeram reduzir-se as fileiras da força voadora com dardos mortíferos, envenenados. A surpresa dos invasores voadores, porém, fora conseguida, e as tropas Do'Urden depressa se viram colocadas numa posição precária.

* * *

— Hunètt não tem o favor de Lolth! — gritou Malice. — Não se atreveriam a atacar abertamente!

Estremeceu perante o som de um retumbante raio, e depois outro, e depois ainda outro.

— Ah, sim? — lançou-lhe Briza.

Malice fez um olhar ameaçador à filha, mas não teve tempo para prosseguir a discussão. O método normal de ataque por uma casa drow implicava um assalto por soldados combinado com uma barragem mental pelas sacerdotisas mais elevadas da Casa atacante. Malice, porém, não sentia nenhum ataque mental, o que lhe dizia, sem margem para dúvidas, que era de facto a Casa Hunètt que estava à sua porta. As sacerdotisas Hunètt, tendo perdido o favor da Rainha Aranha, não podiam, aparentemente, usar os seus poderes conferidos por Lolth para lançar um ataque mental. Malice

e as filhas, que também tinham perdido o favor da Rainha Aranha, não teriam tido quaisquer esperanças de derrotar um tal ataque.

— Porque se atreveriam a atacar? — interrogou-se Malice em voz alta.

Briza compreendeu o raciocínio da mãe.

— São ousados, de facto — respondeu. — Esperar que os seus soldados sozinhos possam eliminar todos os membros da nossa Casa...

Toda a gente que estava na sala, todo o drow de Menzoberranzan conhecia os castigos brutais e absolutos que seriam exercidos contra qualquer Casa que falhasse na tentativa de erradicar outra Casa. Estes ataques não eram mal vistos, mas ser apanhado a fazê-los era decididamente punido.

Rizzen, o actual patrono da Casa Do'Urden, entrou então na antecâmara, com uma expressão sombria.

— Estamos em desvantagem numérica e mal posicionados — disse. — A nossa derrota será rápida, receio bem.

Malice nunca aceitaria essa notícia. Agrediu Rizzen com um golpe que o fez deslizar pelo chão até ao meio da sala; depois, virou-se para Jarlaxle:

— Tens de chamar o teu bando! — gritou Malice para o mercenário.

— Matrona... — gaguejou Jarlaxle, obviamente confundido. — Bregan D'aerthe é um grupo secreto. Não nos imiscuímos em guerras abertas. Fazê-lo levar-nos-ia a incorrer na ira do Conselho Governante!

— Pagar-te-ei o que desejares — prometeu a desesperada Matrona Mãe.

— Mas o custo...

— Tudo o que desejares! — repetiu Malice.

— Uma tal acção... — recomeçou Jarlaxle.

Mais uma vez, Malice não o deixou terminar o argumento.

— Salva a minha Casa, mercenário — rosnou. — Os teus ganhos serão enormes; mas aviso-te: os teus custos se falhares serão ainda maiores!

Jarlaxle não gostava de ser ameaçado, especialmente por uma matrona mãe caída em desgraça, cujo mundo estava prestes a desabar à sua volta. Mas aos ouvidos do mercenário, a doce palavra «ganhos» tinha mil vezes mais peso do que uma ameaça. Após dez anos consecutivos de recompensas exorbitantes obtidas com o conflito Do'Urden – Hun'ett, Jarlaxle não duvidava da intenção de Malice, nem da sua capacidade para pagar o prometido, tal como também não tinha dúvidas de que este acordo se mostraria mais lucrativo do que o acordo que tinha firmado com a Matrona SiNafay Hun'ett, pouco antes, nessa mesma semana.

— Como queiras — disse Jarlaxle para a Matrona Malice, com uma vénia e um rodopiar do vistoso chapéu. — Verei o que posso fazer.

Uma piscadela de olho para Dinin fez o Rapaz Mais Velho seguir o mercenário enquanto este saía da sala.

Quando os dois saíram para a varanda que dava para o pátio do com-

plexo Do'Urden, viram que a situação era ainda mais desesperada do que Rizen descrevera. Os soldados da Casa Do'Urden — os que restavam vivos — estavam encurralados dentro e em volta de um dos grandes aglomerados de estalagmites que serviam de apoio ao portão frontal.

Um dos soldados voadores Hunètt saltou para a varanda assim que viu um nobre Do'Urden, mas Dinin despachou-o com uma única e estonteante rotina de ataque.

— Muito bem — comentou Jarlaxle, fazendo um aceno de aprovação para Dinin. Avançou para dar uma palmada de elogio no ombro do Rapaz Mais Velho, mas Dinin esgueirou-se.

— Temos outros assuntos — lembrou secamente a Jarlaxle. — Chama as tuas tropas, e bem depressa. Receio bem que a Casa Hunètt ganhe o dia.

— Mantém-te sereno, meu amigo — riu-se Jarlaxle.

Puxou de um pequeno apito que trazia ao pescoço e soprou. Dinin não ouviu nenhum som, porque o instrumento estava magicamente afinado exclusivamente para os ouvidos dos membros do clã Bregan D'aerthe.

O Rapaz Mais Velho Do'Urden observou com espanto enquanto Jarlaxle soprava calmamente uma cadência específica, e depois viu com ainda maior espanto mais de uma centena de soldados Hunètt a voltarem-se contra os seus camaradas.

Os Bregan D'aerthe só deviam fidelidade a Bregan D'aerthe.

* * *

— Não nos podiam atacar — dizia Malice teimosamente, andando para trás e para diante na antecâmara. — A Rainha Aranha não os ajudaria numa tal aventura.

— Estão a vencer sem a ajuda da Rainha Aranha — lembrou-lhe Rizen, encolhendo-se prudentemente no canto mais afastado da sala, enquanto dizia essas palavras indesejadas.

— Disseste que eles nunca atacariam! — rosnou Briza para a mãe. — Precisamente enquanto nos explicavas a nós por que razão não os podíamos atacar a eles!

Briza recordava-se bem dessa discussão, pois fora ela quem sugerira um ataque frontal à Casa Hunètt. Malice ralhara-lhe asperamente e publicamente por isso, e agora Briza queria devolver-lhe a humilhação. A voz dela escorria sarcasmo enquanto apontava cada palavra à mãe:

— Será que a Matrona Malice Do'Urden se enganou?

A resposta de Malice veio sob a forma de um olhar que mostrava algo entre a raiva e o terror. Briza devolveu o olhar sem ambiguidade e subitamente a Matrona Mãe da Casa Do'Urden já não se sentia tão invencível e

segura dos seus actos. Começou a avançar nervosamente, um momento mais tarde, quando Maya, a mais nova das filhas Do'Urden, entrou na sala.

— Romperam as defesas e entraram na casa! — gritou Briza, presumindo o pior. Agarrou o seu chicote de cabeças de serpente. — E ainda nem sequer preparámos a nossa defesa!

— Não! — corrigiu Maya rapidamente. — Nenhum inimigo passou da varanda. A batalha virou-se agora contra os Hun'ett!

— Como eu bem sabia que haveria de ser — observou Malice, recompondo-se e falando claramente para Briza. — Louca é a Casa que avança sem o favor de Lolth!

Apesar desta proclamação, porém, Malice calculou que algo mais do que o julgamento da Rainha Aranha tinha entrado em jogo no pátio. O seu raciocínio levou-a inevitavelmente a Jarlaxle e ao seu bando de mercenários pouco dignos de confiança.

Jarlaxle saltou da varanda e, usando as suas capacidades inatas de drow, levitou até ao chão da caverna. Não vendo nenhuma necessidade de se envolver pessoalmente numa batalha que estava obviamente sob controlo, Dinin descontraiu-se e ficou a ver o mercenário, avaliando tudo o que acabara de transpirar. Jarlaxle tinha jogado com ambos os lados, lançando-os um contra o outro, e mais uma vez o mercenário e o seu bando eram os únicos verdadeiros vencedores. Os Bregan D'aerthe eram inegavelmente sem escrúpulos, mas tinha de admitir que eram também inegavelmente eficazes.

Dinin descobriu que gostava daquele renegado.

* * *

— A acusação foi devidamente entregue à Matrona Baenre? — perguntou Malice a Briza quando a luz de Narbondel, a estalagmite magicamente iluminada que servia de relógio de Menzoberranzan, começou a subir pela pedra, marcando a alvorada de um novo dia.

— A Casa reinante já esperava a visita — respondeu Briza com um esgar. — Toda a cidade fala do ataque e de como a Casa Do'Urden repeliu os invasores da Casa Hun'ett.

Malice tentou futilmente esconder o sorriso vaidoso. Apreciava a atenção e a glória que sabia que seria concedida à sua Casa.

— O Conselho Governante será reunido hoje mesmo — proseguiu Briza. — Sem dúvida para grande pesar da Matrona SiNafay Hun'ett e dos seus filhos condenados.

Malice acenou em concordância. Eliminar uma casa rival em Menzoberranzan era perfeitamente aceitável entre os drow. Mas falhar na tentativa, deixar nem que fosse uma única testemunha de sangue nobre viva

para fazer uma acusação, originava o julgamento do Conselho Governante, concitando uma ira que trazia a destruição absoluta no seu encalço.

Viraram-se ambas para a porta ornamentada quando ouviram bater.

— Foste convocada, Matrona — disse Rizzen, entrando. — A Matrona Baenre mandou um disco para te levar.

Malice e Briza trocaram olhares cheios de esperanças, mas nervosos. Quando o castigo caísse sobre a Casa Hun'ett, a Casa Do'Urden subiria para o oitavo lugar na hierarquia da cidade, uma posição muito desejável. Só as matronas mães das primeiras oito casas tinham direito a um lugar no Conselho Governante da cidade.

— Já? — perguntou Briza para a mãe.

Malice limitou-se a encolher os ombros em resposta e seguiu Rizzen para fora da sala e até à varanda da casa. Rizzen ofereceu-lhe uma mão para ajudar, que ela teimosa e imediatamente afastou com um gesto seco. Com o orgulho bem visível em cada movimento, Malice passou por cima da varanda e flutuou até ao pátio, onde a maioria dos soldados que lhe restavam estava reunida. O disco flutuante, brilhando a azul, com as insígnias da Casa Baenre, pairava logo à saída dos portões de adamantite do complexo da Casa Do'Urden.

Malice caminhou orgulhosamente por entre a pequena multidão reunida; os elfos negros tropeçavam uns nos outros, tentando sair do caminho de Malice. Este era o dia dela, decidira, o dia em que conseguiria obter o seu lugar no Conselho Governante, posição que tanto merecia.

— Matrona Mãe, acompanhar-te-ei pela cidade — ofereceu-se Dinin, que estava ao portão.

— Ficarás aqui com o resto da família — corrigiu-o Malice. — A convocatória foi apenas para mim.

— Como podes saber? — interrogou Dinin, mas percebendo que tinha ultrapassado os seus limites de posição assim que as palavras lhe saíram da boca.

Quando Malice virou o seu olhar de censura para ele, já Dinin tinha desaparecido por entre a multidão de soldados.

— Haja respeito — resmungou Malice em surdina, instruindo os soldados que estavam mais perto para retirarem uma secção do portão fechado. Com um olhar final e vitorioso aos seus súbditos, Malice saiu e sentou-se no disco flutuante.

Não era a primeira vez que Malice aceitava um tal convite da Matrona Baenre, e por isso não ficou minimamente surpreendida quando várias sacerdotisas saíram das sombras para rodearem o disco flutuante numa guarda protectora. A última vez que Malice fizera esta viagem fora às cegas, sem realmente compreender as intenções de Baenre ao chamá-la. Desta vez, no

entanto, Malice cruzou os braços desafiadoramente e deixou que os miro-nes curiosos a vissem em todo o esplendor da sua vitória.

Malice aceitou os olhares orgulhosamente, sentindo-se claramente superior. Mesmo quando o disco chegou à fabulosa vedação semelhante a uma teia da Casa Baenre, com os seus mil guardas a marchar e com as suas estruturas enormes de estalagmites e estalactites, o orgulho de Malice não diminuiu.

Era agora do Conselho Governante, ou seria daí a pouco; já não tinha de se sentir intimidada em parte nenhuma da cidade.

Ou, pelo menos, assim pensava.

— A tua presença é exigida na capela — disse-lhe uma das sacerdotisas Baenre quando o disco parou junto às escadas serpenteantes de um dos grandes edifícios abobadados.

Malice desceu do disco e começou a subir os degraus polidos. Assim que entrou, reparou numa figura sentada numa das cadeiras junto ao altar central elevado. A drow que estava sentada, e que era a única outra pessoa visível na capela, aparentemente não tinha notado que Malice entrara. Estava sentada confortavelmente, bem recostada, observando a grande imagem no topo da cúpula, enquanto esta mudava de formas, parecendo primeiro uma aranha gigante e depois uma bela fêmea drow.

Enquanto se aproximava, Malice reconheceu as vestes de uma matrona mãe, e presumiu, como desde que entrara, que se tratava da Matrona Baenre, a mais poderosa personagem de toda a Menzoberranzan, à sua espera. Malice seguiu até aos degraus do altar, surgindo por detrás da drow sentada. Sem esperar por um convite, avançou ousadamente, passando para a frente da outra matrona mãe, para a saudar.

Não foi, porém, a forma envelhecida e emaciada da Matrona Baenre que Malice encontrou no centro da capela Baenre. A matrona mãe sentada não era mais velha do que os anos normais dos drow, nem tão enrugada e seca como um cadáver. Na verdade, esta drow não era sequer mais velha do que Malice, e era bastante pequena. Malice reconheceu-a bem demais.

— SiNafay! — gritou, quase caindo.

— Malice... — respondeu a outra, calmamente.

Mil possibilidades perturbantes passaram pela cabeça de Malice. SiNafay Hun'ett deveria estar encolhida em terror na sua casa condenada, à espera da aniquilação da sua família. E no entanto, ali estava sentada confortavelmente, nos aposentos mais exclusivos da família mais importante de Menzoberranzan!

— O teu lugar não é aqui! — protestou Malice, com os punhos magros cerrados ao lado do corpo. Considerou as possibilidades de atacar a rival ali mesmo, de esganar SiNafay com as suas próprias mãos.

— Mantém-te calma, Malice — respondeu descontraidamente SiNafay.
— Estou aqui a convite da Matrona Baenre, tal como tu.

A menção da Matrona Baenre e o relembrar do sítio onde estavam acalmaram consideravelmente Malice. Uma pessoa não podia agir como lhe apetecesse na capela da Casa Baenre! Malice avançou para o lado oposto do altar e sentou-se, sem que o seu olhar deixasse por um momento o rosto sorridente de SiNafay Hunètt.

Após alguns minutos intermináveis de silêncio, Malice teve de dizer o que lhe ia na mente.

— Foi a Casa Hunètt que atacou a minha família na última escuridão de Narbondel — disse. — Tenho muitas testemunhas desse facto. Não pode haver quaisquer dúvidas!

— Nenhumas — respondeu SiNafay, com a sua concordância a apañhar Malice de surpresa.

— Admites os teus actos? — espantou-se Malice.

— Assim é — disse SiNafay. — Nunca o neguei.

— E, no entanto, vives — rosnou Malice. — As leis de Menzoberranzan exigem justiça contra ti e a tua Casa.

— Justiça? — SiNafay riu-se perante essa ideia absurda. A justiça nunca fora mais do que uma mera fachada e um meio de manter a aparência de ordem na caótica Menzoberranzan. — Agi conforme a Rainha Aranha me exigiu.

— Se a Rainha Aranha tivesse aprovado os teus métodos, terias saído vitoriosa — raciocinou Malice.

— Não é assim — interrompeu outra voz.

Malice e SiNafay voltaram-se no momento em que a Matrona Baenre apareceu magicamente, sentada confortavelmente na cadeira mais afastada do altar.

Malice quis gritar para a ressequida matrona mãe, tanto por espiar a conversa delas, como por aparentemente refutar as suas pretensões contra SiNafay. Mas Malice conseguira sobreviver aos perigos de Menzoberranzan durante quinhentos anos, em primeiro lugar, porque compreendia os perigos de irritar alguém como a Matrona Baenre.

— Proclamo os meus direitos de acusação contra a Casa Hunètt — disse calmamente.

— Concedidos — respondeu a Matrona Baenre. — Tal como disseste, e como SiNafay concordou, não restam quaisquer dúvidas.

Malice virou-se triunfante para SiNafay, mas a matrona mãe da Casa Hunètt continuou descontraída e despreocupada.

— Mas então porque está ela aqui? — gritou Malice, com um tom à beira de uma violência explosiva. — SiNafay é uma marginal. É...

— Ninguém pôs em causa as tuas palavras — interrompeu a Matrona Baenre. — A Casa Hunètt atacou e falhou. As penalidades para um tal acto são bem conhecidas e assentes, e o Conselho Governante reunir-se-á hoje mesmo para garantir que a justiça seja feita.

— Então, porque está SiNafay aqui? — perguntou Malice.

— Duvidas da sabedoria do meu ataque? — perguntou SiNafay a Malice, tentando conter uma gargalhadinha.

— Foste derrotada — lembrou-lhe Malice secamente. — Só isso deveria bastar-te para resposta.

— Foi Lolth que exigiu o ataque — disse a Matrona Baenre.

— Porque foi então a Casa Hunètt derrotada? — perguntou teimosamente Malice. — Se a Rainha Aranha...

— Eu não disse que a Rainha Aranha tivesse dado a sua bênção à Casa Hunètt — interrompeu a Matrona Baenre, num tom vagamente irado.

Malice remexeu-se na cadeira, lembrando-se do seu lugar e dos seus apuros.

— Só disse que Lolth exigiu o ataque — prosseguiu a Matrona Baenre. — Durante dez anos, toda a Menzoberranzan teve de sofrer o espectáculo da vossa guerra privada. A intriga e a excitação já se perderam há muito tempo, deixem que vos garanta a ambas. O assunto tinha de ser decidido.

— E foi — declarou Malice, levantando-se da cadeira. — A Casa Do'Urden mostrou-se vitoriosa, e exijo os direitos de acusação contra SiNafay Hunètt e a sua família!

— Senta-te, Malice — disse SiNafay. — Há aqui mais em jogo do que os teus simples direitos de acusação.

Malice olhou para a Matrona Baenre, em busca de confirmação, muito embora, tendo em conta a presente situação, não pudesse duvidar das palavras de SiNafay.

— Está feito — disse-lhe a Matrona Baenre. — A Casa Do'Urden venceu, e a Casa Hunètt desaparecerá.

Malice deixou-se cair de novo na cadeira, sorrindo trocista para SiNafay. Mesmo assim, a matrona mãe da Casa Hunètt não parecia minimamente preocupada.

— Assistirei à destruição da tua Casa com grande prazer — garantiu Malice à rival. Depois, voltou-se para a Matrona Baenre: — Quando será exercido o castigo?

— Já foi feito — respondeu a Matrona Baenre misteriosamente.

— Mas SiNafay está viva! — gritou Malice.

— Não — corrigiu a velha matrona mãe. — Vive aquela que em tempos foi SiNafay Hunètt.

Agora Malice começava a compreender. A Casa Baenre sempre fora oportunista. Seria que a Matrona Baenre estava a roubar as sacerdotisas da Casa Hun'ett para as acrescentar às suas próprias?

— Vais tu dar-lhe guarida? — atreveu-se Malice a perguntar.

— Não — respondeu calmamente a Matrona Baenre. — Essa tarefa compete-te a ti.

Os olhos de Malice arregalaram-se. De todos os muitos deveres que já recebera nos seus dias como alta sacerdotisa de Lolth, não conseguiria recordar-se de nenhum tão intragável.

— Mas ela é minha inimiga! E pedes-me que lhe dê guarida?

— É tua filha — respondeu secamente a Matrona Baenre. Depois, o tom da voz tornou-se mais suave e um sorriso seco abriu-se-lhe nos lábios. — A tua filha mais velha, que regressou de viagens a Ched Nasad ou outra cidade qualquer da nossa gente.

— Porque estás a fazer isto? — perguntou Malice. — É uma coisa sem precedentes!

— Isso não é completamente verdade — respondeu a Matrona Baenre. Os dedos tamborilaram à sua frente enquanto se recostava, mergulhando nos pensamentos, lembrando algumas das estranhas consequências da interminável fiada de batalhas dentro da cidade drow.

— À primeira vista, as tuas observações estão correctas — continuou a explicar a Malice. — Mas decerto és sensata o suficiente para saber que muitas coisas ocorrem por detrás das aparências em Menzoberranzan. A Casa Hun'ett deve ser destruída, e isso não se pode alterar; e todos os nobres da Casa Hun'ett terão de ser chacinados. Afinal de contas, é a única coisa civilizada que se pode fazer — fez uma pausa por um momento, para se assegurar de que Malice compreenderia plenamente o significado da sua afirmação seguinte: — Pelo menos, têm de parecer ter sido chacinados.

— E tu tratarás disso? — perguntou Malice.

— Já tratei — tranquilizou-a a Matrona Baenre.

— Mas com que finalidade?

— Quando a Casa Hun'ett iniciou o seu ataque contra ti, invocaste a Rainha Aranha nas tuas lutas? — perguntou a Matrona Baenre directamente. A pergunta intrigou Malice, e a resposta esperada perturbou-a mais do que um pouco. — E quando a Casa Hun'ett foi repelida — prosseguiu a Matrona Baenre friamente —, deste louvores à Rainha Aranha? Invocaste alguma aia de Lolth no teu momento de vitória, Malice Do'Urden?

— Estou aqui a ser julgada? — gritou Malice. — Sabes a resposta, Matrona Baenre — Olhou para SiNafay desconfortavelmente enquanto respondia, receando estar a deixar escapar alguma informação valiosa: — Estás ciente da minha situação relativamente à Rainha Aranha. Não me

atrevo a convocar uma *yochlol* até ter tido algum sinal de ter recuperado o favor de Lolth.

— E não viste nenhum sinal — notou SiNafay.

— Nenhum, a não ser a derrota da minha rival — rosnou-lhe Malice de volta.

— Isso não foi nenhum sinal da Rainha Aranha — garantiu a Matrona Baenre a ambas. — Lolth não se envolveu nas vossas lutas. Apenas exigiu que acabassem!

— E está satisfeita com o resultado? — perguntou directamente Malice.

— Isso ainda está por saber — retorquiu a Matrona Baenre. — Há muitos anos, Lolth deixou claro que deseja que a Matrona Malice se sente no Conselho Governante. A partir da próxima luz de Narbondel, assim será.

O queixo de Malice ergueu-se com orgulho.

— Mas vê se entendes o teu dilema — repreendeu-a a Matrona Baenre, erguendo-se na cadeira. Malice encolheu-se imediatamente. — Perdeste mais de metade dos teus soldados — explicou a Matrona Baenre. — E não tens uma grande família a rodear-te e a apoiar-te. Governas a oitava Casa da cidade, e no entanto toda a gente sabe que não estás nos favores da Rainha Aranha. Quanto tempo crês que a Casa Do'Urden poderá manter a sua posição? O teu lugar no Conselho Governante está em perigo, antes mesmo de o assumires!

Malice não poderia refutar a lógica da velha matrona mãe. Ambas conheciam bem os costumes de Menzoberranzan. Com a Casa Do'Urden tão obviamente diminuída, qualquer outra Casa menor em breve tiraria partido da oportunidade para melhorar a sua posição. O ataque da Casa Hun'ett não seria o último combate travado no complexo Do'Urden.

— Por isso, entrego-te SiNafay Hun'ett... Shi'nayne Do'Urden... Uma nova filha, uma nova alta sacerdotisa — disse a Matrona Baenre. Depois, voltou-se para SiNafay, para prosseguir a explicação, mas Malice deu consigo subitamente distraída por uma voz que a chamava nos seus pensamentos, numa mensagem telepática.

— *Mantém-na apenas enquanto precisares dela, Malice Do'Urden* — dizia a mensagem. Malice olhou em volta, tentando perceber a origem da mensagem. Numa anterior visita à Casa Baenre conhecera o leitor de mentes da Matrona, um animal telepático. A criatura não estava à vista, mas a Matrona Baenre também não estivera à vista quando Malice entrara na capela. Malice olhou em volta, observando as cadeiras em redor do altar, uma a uma, mas as peças de mobiliário de pedra não mostravam sinais de quaisquer ocupantes.

Uma segunda mensagem telepática não lhe deixou dúvidas:

— *Saberás quando for o momento certo.*

— ...e os restantes cinquenta soldados da Casa Hunètt — estava agora a Matrona Baenre a dizer. — Concordas, Matrona Malice?

Malice olhou para SiNafay, com uma expressão que tanto podia ser de aceitação, como de ironia maldosa.

— Concordo — respondeu.

— Vai, então, Shi'nayne Do'Urden — instruiu a Matrona Baenre a SiNafay. — Reúne os teus soldados restantes no pátio. Os meus magos vos farão chegar à Casa Do'Urden em segredo.

SiNafay lançou um olhar desconfiado na direcção de Malice, e depois saiu da grande capela.

— Compreendo — disse Malice à sua anfitriã assim que SiNafay saiu.

— Não compreendes coisa nenhuma — gritou-lhe a Matrona Baenre em resposta, subitamente irada. — Fiz por ti tudo o que posso, Malice Do'Urden! Era desejo de Lolth que tivesses assento no Conselho Governante, e tratei de que, com grande custo pessoal meu, assim seja!

Malice soube então, para além de qualquer dúvida, que a Casa Baenre tinha incitado a Casa Hunètt à acção. Até que ponto chegaria a influência da Matrona Baenre? — interrogou-se Malice. Talvez a envelhecida Matrona Mãe também tivesse previsto, e possivelmente disposto, as acções de Jarlaxle e dos soldados de Bregan D'aerthe, que tinham sido o factor decisivo da batalha.

Tinha de descobrir a verdade sobre essa possibilidade, prometeu a si mesma. Jarlaxle tinha metido os seus gananciosos dedos bem fundo na sua bolsa.

— Mas basta — prosseguiu a Matrona Baenre. — Agora, estás entregue a ti própria. Ainda não recuperaste o favor de Lolth, e essa é a única maneira de tu e a Casa Do'Urden sobreviverem!

O punho de Malice apertou o braço da cadeira com tanta força que quase esperou ouvir a pedra a estalar sob os dedos. Tinha esperado, com a derrota da Casa Hunètt, pôr os gestos blasfemos do filho mais novo para trás.

— Sabes o que precisa de ser feito — disse a Matrona Baenre. — Corrige o erro, Malice. Avancei por ti. Não tolerarei mais falhas!

* * *

— As disposições foram-nos explicadas, Matrona Mãe — disse Dinin a Malice quando esta regressou ao portão de adamantite da Casa Do'Urden. Dinin seguiu Malice através do complexo e depois levitou ao lado dela até à varanda exterior dos aposentos nobres da casa.

— Toda a família está reunida na antecâmara — prosseguiu Dinin. — Mesmo o membro mais recente — acrescentou com uma piscadela de olho.

Malice não respondeu à fraca tentativa de humor do filho. Empurrou Dinin para o lado secamente e avançou de modo brusco pelo corredor central, mandando a porta da antecâmara abrir-se com uma única e poderosa palavra. A família afastou-se do seu caminho enquanto passava em direcção ao trono, no outro extremo da mesa em forma de aranha.

Esperavam uma longa reunião, para serem informados da nova situação com que se deparavam e dos desafios que teriam de vencer. Em vez disso, receberam uma breve visão da ira que ardia dentro de Matrona Malice. Olhou fixamente para cada um deles, deixando que cada um ficasse a saber, para além de quaisquer dúvidas, que não aceitaria nada menos do que o que ia exigir. Com a voz a soar como se tivesse a boca cheia de pedras, rosnou:

— Encontrem Drizzt e tragam-mo!

Briza ia começar a protestar, mas Malice lançou-lhe um olhar tão completamente gélido e ameaçador que as palavras lhe fugiram da boca. A filha mais velha, teimosa como a mãe e sempre pronta para uma discussão, desviou os olhos. E mais ninguém na sala, ainda que todos partilhassem das preocupações de Briza, fez qualquer menção de querer argumentar.

Malice deixou-os então a tratar de lidar com os pormenores de como haveriam de cumprir essa tarefa. Os pormenores não importavam muito a Malice.

O único papel que esperava desempenhar em tudo aquilo era o de cravar o punhal cerimonial no peito do filho mais novo.



2 VOZES NA ESCURIDÃO

Drizzt sacudiu o cansaço e obrigou-se a pôr-se de pé. Os esforços da batalha da noite anterior contra o basilisco e os esforços de mergulhar completamente naquele estado primitivo tão necessário para a sobrevivência, tinham-no deixado completamente esgotado. No entanto, Drizzt sabia que não se podia dar ao luxo de repousar mais; a sua manada de rothe, a sua fonte segura de comida, tinha-se espalhado pelo labirinto de túneis e tinha de ser reunida de novo.

Drizzt observou rapidamente a pequena e discreta caverna que lhe servia de lar, assegurando-se de que tudo estava como devia estar. Os olhos detiveram-se sobre a estatueta de ónix de uma pantera. Ficou presa de um profundo anseio por ter ali e agora a companhia de Guenhwyvar. Na sua emboscada ao basilisco, Drizzt mantivera a pantera a seu lado durante um longo período — quase toda a noite — e Guenhwyvar teria agora de descansar no seu Plano Astral. Mais do que um dia inteiro teria de passar até que Drizzt pudesse convocar de novo uma Guenhwyvar já recuperada; e tentar usar a estatueta antes disso, a não ser nalguma situação desesperada, seria tolice. Com um encolher de ombros resignado, meteu a estatueta no bolso e tentou em vão afastar a sensação de solidão.

Depois de uma rápida inspeção da barricada de pedra que bloqueava a entrada para o corredor principal, Drizzt passou para o túnel mais pequeno ao fundo da caverna. Notou os arranhões na pedra junto ao túnel, os entalhes que fizera para marcar a passagem dos dias. Fez mais um, distraidamente, mas deu-se conta de que não tinha importância. Quantas vezes

se tinha esquecido de fazer o entalhe? Quantos dias teriam passado por ele sem se dar conta, entre as centenas de entalhes da rocha?

De alguma forma, agora parecia já não importar. Dia e noite eram apenas uma e mesma coisa, e todos os dias eram apenas um, na vida do caçador. Drizzt meteu-se no túnel e rastejou por muitos minutos em direcção à fraca luz do outro extremo. Embora a presença de luz, que era resultado de um tipo de fungo invulgar, fosse normalmente desconfortável para os olhos de um elfo negro, Drizzt sentia uma sincera sensação de segurança enquanto rastejava pelo túnel até à câmara maior.

O chão estava partido em dois níveis, com o mais baixo coberto de musgo e atravessado por um pequeno riacho, e sendo o mais elevado um terreno de altos cogumelos. Drizzt dirigiu-se ao terreno dos cogumelos, embora não fosse geralmente lá bem recebido. Sabia que os micónides, a gente dos fungos, que era uma estranha mistura de humanóides e cogumelos, o observava ansiosamente. O basilisco fora até ali nas suas primeiras viagens pela região e os micónides tinham sofrido grandes perdas. Agora, estavam sem dúvida assustados e eram perigosos, mas Drizzt suspeitava de que saberiam também que tinha sido ele a matar o monstro. Os micónides não eram seres estúpidos; desde que Drizzt mantivesse as armas embainhadas e não fizesse movimentos bruscos, a gente dos fungos aceitaria provavelmente a sua passagem pelos campos de cogumelos bem tratados.

A parede até à parte superior tinha mais de três metros de altura e era lisa, mas Drizzt subiu-a com tanta facilidade e rapidez como se tivesse degraus bem marcados. Um grupo de micónides pairou à sua volta enquanto chegava ao topo, alguns com apenas metade da altura dele, mas a maioria com o dobro da sua altura. Drizzt cruzou os braços sobre o peito, num sinal de paz comumente aceite no mundo do Subescuro.

As gentes dos fungos consideravam a aparência de Drizzt nojenta — tão nojenta como ele os considerava a eles —, mas tinham compreendido de facto que Drizzt tinha destruído o basilisco. Durante muitos anos, os micónides tinham vivido lado a lado com o drow renegado, cada um protegendo a câmara cheia de vida que servia de mútuo santuário. Um oásis como este local, com plantas comestíveis, um riacho cheio de peixe e uma manada de rothe não era vulgar nas cavernas duras e vazias do Subescuro, e predadores que vagueavam pelos túneis mais exteriores acabavam sempre por encontrar caminho para lá. Então, só restava à gente dos fungos, e a Drizzt, defender o seu domínio.

O maior dos micónides avançou para ficar diante do elfo negro. Drizzt não se mexeu, compreendendo a importância de estabelecer uma aceitação entre ele próprio e o novo rei da colónia de gente dos fungos. Mesmo assim,

Drizzt retesou os músculos, preparando-se para saltar para o lado se as coisas não corressem conforme esperava.

O micónide cuspiu uma nuvem de esporos. Drizzt estudou-os durante a fracção de segundo que demoraram a cair sobre ele, sabendo que os micónides maduros podiam emitir muitos tipos diferentes de esporos, alguns dos quais muito perigosos. Mas Drizzt reconheceu o tom desta nuvem em particular e aceitou-a sem reservas.

— *Rei morto. Eu rei* — chegaram-lhe os pensamentos do micónide através da ligação telepática inspirada pela nuvem de esporos.

— *Tu és rei* — respondeu Drizzt mentalmente. Como desejava que aquela gente fungóide falasse em voz alta! — *Tudo como antes?*

— *Fundo para elfo negro, terreno de cogumelos para micónides* — respondeu o homem-fungo.

Concordaram.

— *Cogumelos para micónides!* — pensou de novo o homem-fungo, desta vez com ênfase.

Drizzt desceu em silêncio. Cumprira a sua missão com o fungóide; nem ele, nem o rei tinham qualquer desejo de prosseguir o encontro.

Partindo em passos rápidos, Drizzt saltou por cima do riacho e saltitou pelo musgo espesso. A câmara era mais longa do que larga e prosseguia por muitos metros, fazendo uma ligeira curva antes de se chegar à saída maior que dava para o labirinto serpenteante dos túneis do Subescuro. Depois dessa curva, Drizzt olhou de novo para a destruição provocada pelo basilisco. Havia por ali vários rothe semi-devorados — Drizzt teria de se desfazer daqueles corpos antes que o fedor atraísse mais visitantes indesejados — e outros rothe mantinham-se perfeitamente imóveis, petrificados pela visão do temido monstro. Directamente em frente à saída da câmara estava o anterior rei micónide, um gigante de três metros e meio, que agora não passava de uma estátua ornamental.

Drizzt fez uma pausa para o observar. Nunca soubera o nome do fungóide, nem nunca lhe dissera o seu, mas pensava que o rei tinha sido seu aliado, pelo menos, ou talvez mesmo seu amigo. Tinham vivido lado a lado durante vários anos, ainda que raramente se tivessem encontrado, e ambos tinham beneficiado de um pouco mais de segurança devido à presença do outro. Mesmo assim, Drizzt não sentia remorsos perante a visão daquele aliado petrificado. No Subescuro, só os mais fortes sobreviviam, e desta vez fora o rei micónide a não ser suficientemente forte.

Na selva do Subescuro, o falhanço não permitia nenhuma segunda oportunidade.

De novo nos túneis, Drizzt sentiu a raiva a crescer. Recebeu-a de braços abertos, concentrando os pensamentos na carnificina dentro do seu do-

mínio e aceitando a raiva como um aliado naquela selva. Passou por uma série de túneis e virou para um onde tinha colocado o seu encantamento de escuridão na noite anterior, e onde Guenhwyvar se acoitara, pronta a saltar sobre o basilisco. O encantamento de Drizzt desaparecera já há muito e, usando a sua infravisão, conseguia perceber várias formas que brilhavam de calor a rastejar por cima do monte de despojos arrefecidos que sabia serem o monstro morto.

A visão daquela coisa só fez aumentar a raiva do caçador.

Instintivamente, agarrou o punho de uma das cimitarras. Como se se mexesse por vontade própria, a arma saiu da bainha quando Drizzt passou pela cabeça do monstro morto, embatendo nojentamente contra os miolos expostos. Vários ratos cegos das cavernas fugiram ao ouvir o som, e Drizzt, mais uma vez sem pensar, deu um golpe com a segunda espada, cravando-a num dos ratos contra a parede. Sem sequer abrandar o passo, apanhou o rato e meteu-o na bolsa. Encontrar os rothe poderia ser um processo entediante, e o caçador precisaria de comer.

Durante o resto desse dia e metade do seguinte, o caçador distanciou-se dos seus domínios. Aquele rato das cavernas não era uma refeição particularmente agradável, mas sustentava-o, permitindo-lhe prosseguir e sobreviver. Para o caçador do Subescuro, nada mais importava.

Nesse segundo dia de expedição, o caçador soube que se estava a aproximar de um grupo dos seus animais extraviados. Convocou Guenhwyvar para o seu lado e, com a ajuda da pantera, não teve grandes dificuldades em encontrar os rothe. Esperara que toda a manada ainda se mantivesse unida, mas apenas encontrou meia dúzia de animais nas redondezas. Mas seis já eram melhor do que nada, e Drizzt mandou Guenhwyvar avançar, levando a manada de rothe de regresso à caverna de musgo. Marcou um passo brutal, sabendo que a tarefa seria muito mais fácil e segura tendo Guenhwyvar ao seu lado. Quando a pantera se cansou e teve de regressar ao seu Plano Astral, já os rothe estavam confortavelmente a pastar junto do riacho tão familiar.

O drow partiu de novo imediatamente, desta vez levando dois ratos mortos para o caminho. Convocou de novo Guenhwyvar assim que pôde e dispensou-a quando tinha de o fazer, e depois outra vez, enquanto os dias iam passando sem mais nenhum sinal. Mas o caçador não desistiu da sua busca. Os rothe assustados conseguiam cobrir uma porção incrível de terreno, e no labirinto de túneis serpenteantes e de cavernas enormes o caçador sabia que muitos mais dias poderiam passar antes de conseguir apanhar os animais.

Drizzt encontrava comida onde podia, abatendo um morcego com o lançamento perfeito de um punhal — depois de lançar uma mão-cheia de

seixos para confundir o animal — ou deixando cair um pedregulho sobre as costas de um caranguejo gigante do Subescuro. Por fim, cansou-se da busca e ansiava pela segurança da sua pequena caverna. Duvidando de que os rothe, a correr às cegas, pudessem ter sobrevivido tão longe nos túneis, tão longe de água e alimento, aceitou a perda da sua manada e decidiu regressar a casa por um caminho que o levaria de regresso à região da caverna de musgo por uma direcção diferente.

Só se encontrasse rastros claros da sua manada perdida se desviaria desse percurso, decidiu. Mas, quando fazia uma curva a meio caminho de casa, um som estranho chamou-lhe a atenção.

Pressionou as mãos contra a pedra, sentindo as vibrações subtis, ritmadas. A pouca distância, qualquer coisa batia na pedra em rápida sucessão. Um martelar ritmado.

O caçador desembainhou as cimitarras e avançou à cautela, usando as vibrações contínuas para o guiarem pelas passagens em ziguezague.

A luz bruxuleante de um fogo fê-lo atirar-se para o chão, encolhendo-se; mas não fugiu, atraído pela ideia de haver um ser inteligente por perto. Muito provavelmente, esse estranho viria a provar ser uma ameaça, mas talvez, esperava Drizzt no fundo, pudesse ser algo mais do que isso.

Depois, Drizzt viu-os; dois estavam a bater na pedra com picaretas trabalhadas, outro recolhia as pedras num carrinho de mão, e dois outros montavam guarda. O caçador soube imediatamente que mais guardas haveriam de estar por ali; provavelmente, teria penetrado nas defesas deles sem sequer se ter dado conta. Drizzt convocou uma das capacidades da sua herança e deslizou lentamente no ar, conduzindo a sua levitação com as mãos contra a pedra. Felizmente, o túnel era alto naquele ponto, e por isso o caçador pôde observar as criaturas mineiras em relativa segurança.

Eram mais baixas do que Drizzt e não tinham cabelo; tinham torsos atarracados e musculados, perfeitamente adaptados à mineração, que era sua vocação. Drizzt já encontrara aquela raça antes e aprendera muito sobre ela durante os seus anos na Academia, em Menzoberranzan. Eram gnomos das profundezas, svirfnebli, os mais odiados inimigos dos drow em todo o Subescuro.

Certa vez, muito tempo atrás, Drizzt liderara uma patrulha em combate contra um grupo de svirfnebli e derrotara pessoalmente um elemento de terra que o líder dos gnomos das profundezas convocara. Drizzt recordava agora esse momento e, como todas as memórias da sua existência, esses pensamentos doíam-lhe. Fora capturado pelos gnomos das profundezas, duramente amarrado e mantido prisioneiro numa sala secreta. Os svirfnebli não o tinham tratado mal, embora suspeitassem — e o

tivessem explicado a Drizzt — que talvez tivessem de acabar por matá-lo. O líder do grupo prometera a Drizzt tanta misericórdia quanto a situação permitisse.

Os companheiros de Drizzt, porém, liderados por Dinin, o seu próprio irmão, tinham atacado o grupo de gnomos sem mostrar qualquer tipo de misericórdia. Drizzt conseguira convencer o irmão a poupar a vida do líder dos svirfnebli, mas Dinin, mostrando a típica crueldade dos drow, mandara cortar as mãos ao gnomo antes de o libertar para fugir para a sua terra.

Drizzt estremeceu com estas recordações sombrias e obrigou-se a concentrar-se de novo na situação que tinha diante de si. Os gnomos das profundezas podiam ser adversários formidáveis, lembrou a si mesmo, e não era provável que recebessem de braços abertos um elfo negro no meio das suas actividades. Tinha de se manter alerta.

Os mineiros tinham, aparentemente, encontrado um filão precioso, porque começaram a falar em tom muito excitado. Drizzt deliciou-se com o som daquelas palavras, ainda que não percebesse nada daquela estranha linguagem de gnomos. Um sorriso que não era inspirado pela vitória em combate surgiu no rosto de Drizzt, pela primeira vez em anos, enquanto os svirfnebli tagarelavam acerca das pedras, lançando grandes pedaços de rocha para os carrinhos de mão e chamando os companheiros que estavam por perto para virem juntar-se a toda aquela festa. Tal como Drizzt suspeitara, havia mais de uma dúzia de svirfnebli, que começaram a aparecer de todas as direcções.

Drizzt encontrou uma saliência elevada na rocha e daí observou os mineiros quando o seu encantamento de levitação expirou. Quando finalmente os carrinhos de mão ficaram cheios, os gnomos das profundezas formaram uma coluna e começaram a fazer-se ao caminho. Drizzt sabia que a atitude mais sensata nesse momento seria deixá-los ir, e depois regressar a casa.

Mas, contra a lógica simples que orientava a sua sobrevivência, Drizzt descobriu que não era capaz de tão facilmente deixar para trás o som de vozes. Desceu pela parede alta e seguiu a caravana dos svirfnebli, interrogando-se aonde iria parar.

Durante muitos dias, Drizzt seguiu os svirfnebli. Resistiu à tentação de convocar Guenhwyvar, sabendo que a pantera bem podia gozar de um descanso mais prolongado, e estando ele próprio satisfeito com a companhia, por muito distante que estivesse, da tagarelice dos gnomos das profundezas. Todos os instintos avisavam o caçador contra o prosseguimento das suas acções, mas, pela primeira vez em muito tempo, Drizzt dominou os instintos do seu ser mais primitivo. Precisava de ouvir as vozes dos gnomos mais do que precisava das simples necessidades de sobrevivência.

Os corredores tornaram-se mais trabalhados, menos naturais, à sua volta, e Drizzt percebeu que se estava a aproximar da terra dos svirfnebli. Mais uma vez, os perigos potenciais espreitavam-no, e mais uma vez ele os afastou como secundários. Estugou o passo e ficou com a caravana à vista, suspeitando de que os svirfnebli teriam armadilhas engenhosas montadas.

Os gnomos das profundezas mediam cada passo que davam, nesta altura, tendo o cuidado de evitar certas áreas. Drizzt imitava-lhes imediatamente os movimentos e meneava a cabeça quando via uma pedra solta aqui ou um fio de uma armadilha ali. Depois, escondeu-se atrás de vegetação quando ouviu o som das vozes de outros mineiros que se juntavam aos primeiros.

O grupo de mineiros chegara a uma longa e ampla escadaria, que subia entre duas paredes de pedra absolutamente lisa e sem rachas. Ao lado da escada havia uma abertura onde os carrinhos de mão mal cabiam, e Drizzt observou com sincera admiração enquanto os mineiros das profundezas metiam os carrinhos por estes orifícios e os ligavam com uma corrente uns aos outros. Uma série de batimentos na pedra enviou o sinal para um operador invisível e a corrente chiou, puxando o primeiro carrinho pelo orifício. Um após outro, os carrinhos desapareceram, e o bando de svirfnebli foi-se desfazendo, à medida que os gnomos subiam as escadas, libertos dos seus fardos.

Quando os dois gnomos que restavam ergueram o último carrinho e o prenderam à corrente, dando o sinal na pedra, Drizzt arriscou tudo, por desespero. Esperou que os gnomos das profundezas virassem costas e correu para o carrinho, apanhando-o precisamente quando este começava a desaparecer dentro do orifício do túnel. Drizzt percebeu o alcance da sua tolice quando o último gnomo das profundezas, ainda aparentemente sem se aperceber da sua presença, recolocou uma pedra no fundo da passagem, bloqueando qualquer hipótese de retirada.

A corrente foi puxada e o carrinho rolou num ângulo tão inclinado quanto o da escada lá fora. Drizzt não conseguia ver nada à sua frente, porque o carrinho de mão, concebido para caber ali à justa, ocupava toda a largura e altura do túnel. Notou então que o carrinho tinha pequenas rodas de lado, também, para ajudar a passagem. Sabia tão bem estar na presença de tanta inteligência de novo... Mas Drizzt não podia ignorar os perigos à sua volta. Os svirfnebli não aceitariam bem um elfo drow intruso; era provável que o interpelassem com armas, e não com perguntas.

Ao fim de vários minutos, a passagem nivelou e alargou-se. Estava ali apenas um svirfnebli, fazendo rodar sem esforço a manivela que puxava a corrente que trazia os carrinhos. Concentrado no seu labor, o gnomo das

profundezas não reparou na forma escura de Drizzt, saltando de trás do último carrinho e deslizando silenciosamente pela porta lateral da sala.

Drizzt ouviu vozes assim que abriu a porta. No entanto, prosseguiu em frente, sem ter mais nenhum sítio para onde ir, e deitou-se de barriga para baixo numa saliência estreita. Os gnomos das profundezas, guardas e mineiros, estavam por baixo dele, conversando no patamar de uma larga escadaria. Havia agora ali um grande número deles, com os mineiros a contar as histórias da sua descoberta feliz.

Mais atrás no patamar, para lá de duas imensas portas de pedra parcialmente abertas e assentes em gonzos metálicos, Drizzt conseguia entrever a cidade svirfnebli. O drow só conseguia ver uma fracção do local, e mesmo isso não muito bem, devido à posição da saliência, mas calculou que a caverna para lá daquelas portas maciças não seria nem de perto tão grande como a que albergava Menzoberranzan.

Drizzt queria entrar ali! Queria saltar e correr por aquelas portas, entregar-se aos gnomos e a fosse qual fosse o julgamento que pudessem fazer. Talvez o aceitassem, talvez vissem Drizzt Do'Urden como aquilo que era realmente.

Os svirfnebli no patamar, rindo e tagarelando, dirigiram-se para a cidade.

Drizzt tinha de ir agora, tinha de saltar e segui-los para lá das portas enormes.

Mas o caçador, o ser que tinha sobrevivido uma década nos selváticos mundos do Subescuro, não se conseguia mexer daquela saliência. O caçador, o ser que tinha derrotado o basilisco e inúmeros outros monstros daquele mundo perigoso, não podia entregar-se assim apenas com a esperança de um tratamento misericordioso e civilizado. O caçador não compreendia tais conceitos.

As maciças portas de pedra fecharam-se — e aquele momento de luz trémula no coração de Drizzt morreu — com um retumbante estrondo.

Após um longo e atormentado momento, Drizzt Do'Urden rebolou para fora da saliência e caiu sobre o patamar ao cimo das escadas. A visão turvou-se-lhe subitamente enquanto descia pelo caminho que se afastava da vida palpitante por detrás daquelas portas, e foi apenas o seu instinto primitivo de caçador que sentiu a presença de ainda mais guardas svirfnebli. O caçador saltou agilmente por cima dos espantados gnomos das profundezas e apressou-se para a liberdade oferecida pelas passagens abertas do selvagem Subescuro.

Quando já tinha deixado bem para trás a cidade dos svirfnebli, Drizzt meteu a mão no bolso e retirou de lá a estatueta, para chamar o seu único companheiro. Um momento depois, porém, voltou a guardá-la, recusan-

do-se a convocar o felino, punindo-se pela sua fraqueza de antes. Se tivesse sido mais forte quando estava agachado na saliência, poderia ter posto fim ao seu tormento, de uma forma ou de outra.

Os instintos do caçador tentavam ganhar o controlo de Drizzt enquanto abria caminho até às passagens que o levariam de regresso à caverna de musgo. Enquanto o Subescuro e a pressão do perigo indesmentível continuavam a cercá-lo, esses instintos primitivos, em alerta, assumiram o comando, negando mais pensamentos e distrações sobre os svirfnebli e a sua cidade.

Esses instintos primitivos eram a salvação e a condenação de Drizzt Do'Urden.



3 SERPENTES E ESPADAS

Quantas semanas já passaram? — gesticulou Dinin para Briza, no código gestual silencioso dos drow. — Há quantas semanas andamos à caça nestes túneis, em busca do nosso renegado irmão?

A expressão de Dinin revelava sarcasmo enquanto estes pensamentos lhe corriam pela mente. Briza fez um esgar de desdém e não lhe respondeu. Era uma alta sacerdotisa de Lolth e fora a filha mais velha, a quem competia um lugar elevado em honras no seio da família. Nunca, antes, teria sido enviada numa tal perseguição. Mas agora, por uma qualquer razão inexplicável, SiNafay Hun'ett juntara-se à família, relegando Briza para uma posição inferior.

— Cinco? — prosseguiu Dinin, com a ira a crescer a cada movimento brusco dos dedos magros. — Seis? Há quanto tempo, irmã? — insistiu. — Há quanto tempo está SiNaf... Shi'nayne... sentada ao lado da Matrona Malice?

O chicote com cabeças de serpente soltou-se do cinturão de Briza, e apontou-o iradamente para o irmão. Dinin, percebendo que tinha ido longe demais nas suas insistências sarcásticas, puxou defensivamente da espada e tentou esquivar-se. O golpe de Briza foi mais rápido, derrotando facilmente a tentativa desajeitada de Dinin de ripostar, e três das seis cabeças de serpente firmaram-se fortemente no peito e no ombro do Rapaz Mais Velho Do'Urden. Uma dor fria espalhou-se pelo corpo de Dinin, deixando apenas uma dormência inapelável na sua esteira. O braço da espada caiu e Dinin começou a inclinar-se para a frente.

A mão forte de Briza avançou num ápice e agarrou-o pelo pescoço enquanto caía, levantando-o com facilidade do chão. Depois, olhando em volta para os outros cinco membros do grupo de busca, para se assegurar de que ninguém dava um passo a favor de Dinin, Briza atirou o irmão estonteado secamente contra a parede de pedra. A alta sacerdotisa debruçou-se pesadamente sobre Dinin, com uma mão a pressionar fortemente contra a garganta.

— Um macho sensato mediria os seus gestos com mais cuidado — escarneceu Briza em voz alta, embora ela e os outros tivessem sido explicitamente advertidos pela Matrona Malice de que não deveriam comunicar por nenhum outro meio senão a linguagem gestual, assim que estivessem para lá dos limites de Menzoberranzan.

Dinin levou bastante tempo a compreender completamente o estado em que estava. Enquanto a dormência se desvanecia, percebeu que não conseguia respirar e que, embora a sua mão ainda empunhasse a espada, Briza, que pesava uns bons quilos mais do que ele, a tinha bem presa ao seu lado. Ainda mais perturbante era ver que a mão livre da irmã ainda empunhava o temido chicote de cabeças de serpente. Ao contrário dos chicotes normais, aquele malévolos instrumento não precisava de muito espaço para ser usado. As cabeças de serpente animadas conseguiam encolher-se e depois saltar em curtas distâncias, como uma extensão da vontade de quem as comandava.

— A Matrona Malice não questionaria a tua morte — murmurou Briza secamente. — Os filhos machos só lhe têm dado problemas!

Dinin olhou para lá da sua esmagadora captora, para os soldados comuns da patrulha.

— Testemunhas? — riu-se Briza, adivinhando-lhe os pensamentos. — Pensas mesmo que se atreveriam a falar contra uma alta sacerdotisa, por causa de um simples macho? — Os olhos de Briza semicerraram-se e encostou a cara à de Dinin. — Um simples cadáver de macho? — Riu-se outra vez e largou Dinin subitamente. Este caiu de joelhos, tentando desesperadamente recuperar um ritmo de respiração normal.

— Venham — gesticulou Briza no código silencioso para o resto da patrulha. — Sinto que o meu irmão mais novo não está nesta área. Regressaremos à cidade para nos reabastecermos.

Dinin observou as costas da irmã enquanto ela fazia os preparativos para a partida. Nada mais desejava do que enfiar a espada entre os ombros dela. Mas Dinin era demasiado esperto para tentar uma tal acção. Briza era alta sacerdotisa da Rainha Aranha desde havia mais de três séculos e estava agora no favor de Lolth, ainda que a Matrona Malice e o resto da Casa Do'Urden não estivessem. Mesmo que a sua malévolos deusa não estivesse

a olhar por ela, Briza era um inimigo formidável, hábil no uso dos encantamentos e com aquele cruel chicote sempre perto das mãos.

— Minha irmã — chamou-a Dinin quando ela se começou a afastar. Briza virou-se para ele, surpreendida por ele se atrever a dirigir-lhe a palavra em voz alta. — Aceita as minhas desculpas — disse Dinin. Fez sinal aos outros soldados para seguirem, e depois voltou a usar o código gestual, para que os soldados comuns não percebessem o resto da conversa com Briza. — Não me agrada a adição de SiNafay Hun'ett à família — explicou.

Os lábios de Briza curvaram-se num dos seus sorrisos tipicamente ambíguos; Dinin não podia ter a certeza se ela estava a concordar com ele ou a troçar dele.

— Pensas-te suficientemente sensato para questionares as razões da Matrona Malice? — perguntaram os dedos dela.

— Não! — responderam enfaticamente os dedos de Dinin. — A Matrona Malice faz o que tem de fazer, como sempre, para o bem da Casa Do'Urden. Mas não confio naquela Hun'ett. SiNafay viu a sua casa ser esmagada até ficar feita em pedaços de rocha fumegantes por ordem do Conselho Governante. Todos os seus preciosos filhos foram chacinados; e a maioria dos comuns também. Poderá ela ser verdadeiramente leal à Casa Do'Urden depois de uma tal perda?

— Macho tonto — gesticulou Briza em resposta. — As sacerdotisas percebem que a lealdade só é devida a Lolth. A casa de SiNafay já não existe, e por isso SiNafay já não existe. Agora é Shi'nayne Do'Urden, e por ordem da Rainha Aranha aceitará completamente todas as responsabilidades que vêm com esse nome.

— Não confio nela — teimou Dinin. — Nem me agrada ver as minhas irmãs, as verdadeiras Do'Urden, a serem rebaixadas na hierarquia para haver lugar para ela. Shi'nayne deveria ter sido colocada abaixo de Maya, ou alojada entre os comuns.

Briza lançou-lhe um ar de desprezo, embora concordasse inteiramente.

— A posição de Shi'nayne na família não te diz respeito. A Casa Do'Urden está mais forte com a adição de mais uma alta sacerdotisa. Isso é tudo o que deve importar a um macho, e nada mais!

Dinin acenou em concordância com a lógica dela e, sensatamente, embaixou a espada antes de voltar a levantar-se. Briza também recolocou o chicote no cinturão, mas continuou a vigiar o seu volúvel irmão pelo canto do olho.

Agora, Dinin teria mais cuidado quando estivesse perto de Briza. Sabia que a sua sobrevivência dependeria da capacidade para acompanhar a irmã, porque Malice continuaria a enviar Briza nestas patrulhas de busca com ele. Briza era a mais forte das filhas Do'Urden, com as maiores possi-

bilidades de encontrar e capturar Drizzt. E Dinin, tendo sido líder de patrulhas da cidade durante mais de uma década, era o mais familiarizado, de entre os da Casa, com os túneis para lá de Menzoberranzan.

Dinin encolheu os ombros, resignado com a sua triste sorte, e seguiu a irmã de volta aos túneis que iam dar à cidade. Uma breve paragem, de não mais do que um dia, e estariam de regresso às patrulhas, de novo à caça do seu perigoso e esquivo irmão, que Dinin, na verdade, não tinha a menor vontade de encontrar.

* * *

A cabeça de Guenhwyvar virou-se subitamente e a grande pantera ficou perfeitamente imóvel, com uma pata no ar e pronta a entrar em acção.

— Também ouviste... — murmurou Drizzt, chegando-se para bem perto do felino. — Vem, meu amigo. Vamos ver que novo inimigo entrou no nosso domínio.

Partiram a toda a velocidade, juntos, igualmente silenciosos, percorrendo corredores que conheciam bem. Drizzt parou de súbito, e Guenhwyvar fez o mesmo, ao ouvir um eco de um restolhar. Um ruído feito por uma bota, soube Drizzt, e não por qualquer monstro natural do Subescuro. Drizzt apontou para uma pilha de pedras que dava para uma caverna ampla e com vários níveis de ambos os lados. Guenhwyvar conduziu-o para lá, onde poderiam encontrar um melhor ponto de observação.

A patrulha drow apareceu à vista apenas alguns momentos mais tarde; era um grupo de sete, embora estivessem demasiado afastados para que Drizzt pudesse discernir quaisquer pormenores. Ficou espantado por os ter ouvido com tanta facilidade, porque se recordava daqueles tempos em que tomara a dianteira em patrulhas como aquela. Como se sentira só nessas alturas, na dianteira de mais de uma dúzia de elfos negros, porque não emitiam nem um suspiro, com os seus movimentos bem treinados e mantendo-se tão bem nas sombras que nem os olhos bem treinados de Drizzt os conseguiam discernir.

E no entanto, este caçador que Drizzt se tornara, este seu ser primitivo, instintivo, dera facilmente com este grupo.

* * *

Briza parou subitamente e fechou os olhos, concentrando-se nas emanações do seu encantamento de localização.

— O que é? — perguntaram os dedos de Dinin quando ela voltou a olhar para ele. A expressão surpreendida e obviamente excitada dela reve-

lavam muito. — Drizzt? — deixou escapar Dinin em voz alta, quase não conseguindo acreditar.

— Silêncio! — gritaram-lhe as mãos de Briza.

Olhava em volta, para sondar tudo o que a rodeava. Depois, fez sinal à patrulha para a seguir até às sombras da parede da imensa caverna. Briza acenou então em confirmação para Dinin, confiante de que a missão ficaria finalmente concluída.

— Consegues ter a certeza de que é Drizzt? — perguntaram os dedos de Dinin. Na sua excitação, mal conseguia manter os movimentos dos dedos suficientemente precisos para transmitir os seus pensamentos. — Talvez seja algum salteador...

— Sabemos que o nosso irmão vive... — gesticulou rapidamente Briza. — A Matrona Malice já não estaria fora do favor de Lolth se fosse de outra forma. E se Drizzt vive, podemos presumir que está na posse do objecto!

* * *

O súbito movimento de dissimulação da patrulha apanhou Drizzt de surpresa. O grupo não poderia de forma alguma tê-lo visto sob a protecção das rochas salientes, e manteve a confiança no silêncio das suas passadas e das de Guenhwyvar. E, no entanto, sentia-se convencido de que a patrulha estava a esconder-se dele. Havia algo de errado em todo este encontro. Os elfos negros eram raros em local tão distante de Menzoberranzan. Talvez não fosse mais do que a paranóia necessária para sobreviver na selva do Subescuro, disse Drizzt a si mesmo. Mesmo assim, suspeitava de que não fora apenas o acaso a trazer aquele grupo até aos seus domínios.

— Vai, Guenhwyvar — sussurrou para o felino. — Observa os nossos visitantes e regressa para junto de mim.

A pantera apressou-se a percorrer as sombras que rodeavam a caverna. Drizzt enterrou-se ainda mais no cascalho, ficou à escuta e esperou.

Guenhwyvar regressou para junto dele um minuto mais tarde, embora a Drizzt parecesse ter passado uma eternidade.

— Conhece-los? — perguntou Drizzt.

O felino raspou uma garra na pedra.

— Da nossa antiga patrulha? — interrogou Drizzt em voz alta. — Os mesmos guerreiros com quem tu e eu caminhámos em tempos?

Guenhwyvar parecia não ter a certeza e não fez movimentos definitivos.

— São Hun'ett, então — disse Drizzt, pensando ter resolvido o enigma.

A Casa Hun'ett tinha por fim vindo à sua procura para exercer a retribuição pelas mortes de Alton e de Masoj, os dois magos Hun'ett que tinham morrido a tentar matar Drizzt. Ou talvez os Hun'ett tivessem vin-

do à procura de Guenhwyvar, o artefacto mágico que Masoj em tempos possuía.

Quando Drizzt parou por um momento as suas cogitações, para estudar a reacção de Guenhwyvar, percebeu que as suas hipóteses estavam erradas. A pantera afastara-se dele um passo e parecia agitada com o seu fluxo de suposições.

— Mas então, quem? — perguntou Drizzt.

Guenhwyvar ergueu-se sobre as patas traseiras e apoiou-se nos ombros de Drizzt, com uma grande pata a tocar na bolsa de trazer ao pescoço de Drizzt. Sem compreender, Drizzt retirou a bolsa e despejou o conteúdo na mão, revelando algumas moedas de ouro, uma pequena pedra preciosa e o emblema da sua Casa, um símbolo prateado gravado com as iniciais de Daermon N'áshezbaernon, Casa Do'Urden. Drizzt percebeu de repente o que Guenhwyvar estava a indicar-lhe.

— A minha família — murmurou. Guenhwyvar afastou-se um pouco dele e mais uma vez raspou uma garra excitadamente na pedra.

Mil recordações inundaram Drizzt nesse momento, mas todas elas, boas e más, o levavam inexoravelmente a apenas uma possibilidade: a Matrona Malice não esquecera, nem perdoara as acções dele naquele fatídico dia. Drizzt abandonara-a a ela e aos usos da Rainha Aranha, e conhecia bem esses usos para perceber que as suas acções não tinham deixado a mãe em boa posição.

Voltou a olhar para a penumbra da grande caverna.

— Vem — gesticulou para Guenhwyvar, e correu pelos túneis.

A decisão de deixar Menzoberranzan fora dolorosa e cheia de incertezas, e agora não tinha nenhuma vontade de encontrar a família e reacender todas essas dúvidas e receios.

Ele e Guenhwyvar correram durante mais de uma hora, entrando por passagens secretas e atravessando as secções mais confusas dos túneis daquela área. Drizzt conhecia toda aquela região ao pormenor e sentia-se seguro de que poderia deixar a patrulha bem para trás com pouco esforço.

Mas quando por fim fez uma pausa para recuperar o fôlego, Drizzt sentiu — e só teve de olhar para Guenhwyvar para confirmar as suas suspeitas — que a patrulha continuava no seu encalço, talvez até mais perto do que antes.

Percebeu então que estava ser magicamente seguido; não poderia haver outra explicação.

— Mas como? — perguntou para a pantera. — Já pouco tenho a ver com o drow que conheceram como irmão, em aparência ou pensamentos. Que poderão estar a sentir que seja suficientemente familiar para ser captado pelos seus encantamentos mágicos?

Drizzt observou-se a si mesmo rapidamente, e os olhos pousaram-lhe logo nas espadas ricamente trabalhadas.

As cimitarras eram, de facto, singulares, mas também a maioria das armas drow de Menzoberranzan o eram. E estas lâminas em particular nem sequer tinham sido temperadas na Casa Do'Urden e não eram de nenhum estilo preferido pela família de Drizzt. Seria então o manto? — interrogou-se. O *piwafwi* era distintivo de uma Casa, exibindo os padrões bordados singulares de cada família.

Mas o *piwafwi* de Drizzt tinha já sido rasgado e puído para além de qualquer reconhecimento e era-lhe difícil acreditar que um encantamento de localização conseguisse identificá-lo como pertencente à Casa Do'Urden.

— Pertencente à Casa Do'Urden — murmurou Drizzt. Olhou para Guenhwyvar e subitamente assentiu com a cabeça; já sabia a resposta. Voltou a retirar a bolsa do pescoço e tirou de lá a insígnia, o emblema de Darmon N'ashezbaernon. Criado por magia, possuía a sua própria magia, um encantamento que era distinto em cada Casa. Só um nobre da Casa Do'Urden usaria um tal emblema.

Drizzt pensou por um momento, e depois voltou a colocar o emblema na bolsa, e pôs esta ao pescoço de Guenhwyvar.

— É altura de a presa se transformar no caçador — ronronou para o grande felino.

* * *

— Ele sabe que está a ser seguido — gesticularam as mãos de Dinin para Briza.

Briza não deu confirmação a esta afirmação com nenhuma resposta. Era claro que Drizzt sabia da perseguição; era óbvio que estava a tentar escapar-lhes. Manteve-se despreocupada. O emblema da Casa Do'Urden de Drizzt continuava a ser um farol bem visível nos seus pensamentos magicamente ampliados.

Briza parou, no entanto, quando o grupo chegou a uma bifurcação na passagem. O sinal vinha de lá da bifurcação, mas não apontava concretamente para nenhum dos lados.

— Para a esquerda — Briza fez sinal a três dos soldados comuns; depois: — Para a direita — e fez sinal de que ela e Dinin manteriam as suas posições para servirem como reservas de ambos os grupos.

Bem acima da patrulha que se dividia, pairando nas sombras do tecto coberto de estalactites, Drizzt sorria com a sua astúcia. A patrulha podia ter conseguido manter-lhe o rasto, mas não teria qualquer hipótese de acompanhar os passos de Guenhwyvar.

O plano tinha sido executado e completado com perfeição, pois Drizzt apenas queria levar a patrulha até se afastar muito dos seus domínios e se cansar da busca sem esperança. Mas enquanto pairava ali em cima, olhando para baixo, para o irmão e para a irmã mais velha, deu consigo a desejar algo mais. Passaram alguns momentos e Drizzt teve a certeza de que os soldados enviados já estavam a uma boa distância. Desembainhou as cimitarras, pensando então que um encontro com os seus irmãos poderia não ser assim tão mau, afinal de contas.

— Está a afastar-se cada vez mais — disse Briza para Dinin, sem recear o som da sua própria voz, uma vez que sentia que o irmão renegado estava distante daquela posição. — E a grande velocidade.

— Drizzt sempre foi muito hábil no Subescuro — respondeu Dinin, acenando com a cabeça. — Há-de ser uma presa difícil de apanhar.

Briza fez uma expressão de desdém.

— Há-de cansar-se muito antes de os meus encantamentos expirarem. Haveremos de dar com ele sem fôlego, enfiado num buraco escuro.

Mas a arrogância de Briza transformou-se numa expressão de espanto um segundo mais tarde, quando uma forma escura caiu mesmo entre ela e Dinin.

Também Dinin quase nem teve tempo de expressar choque perante tudo aquilo. Viu Drizzt por uma fracção de segundo, e depois os olhos semicerraram-se, seguindo o arco de uma cimitarra que se abatia. Dinin caiu pesadamente, com a pedra lisa do chão a pressionar-lhe fortemente contra a cara, sensação de que já não poderia dar-se conta.

Ao mesmo tempo que uma mão fazia o seu trabalho sobre Dinin, a outra mão disparou a ponta de uma cimitarra para a garganta de Briza, com a intenção de a forçar a render-se. Briza não ficou tão surpreendida como Dinin, porém, e mantinha sempre uma mão junto do chicote de serpentes. Esquivou-se do ataque de Drizzt, saltando para trás, e seis cabeças de serpente saltaram no ar, encolhidas e em busca de uma aberta.

Drizzt girou completamente para ficar de frente para ela, rodopiando as cimitarras em padrões defensivos para manter as víboras à distância. Recordava-se da mordida daqueles temidos chicotes; como todos os machos drow, aprendera-a muitas vezes durante a infância.

— Irmão Drizzt — disse Briza em voz bem alta, esperando que a patrulha a ouvisse e percebesse o chamamento. — Baixa as tuas armas. Não tem de ser assim.

O som de palavras familiares, de palavras drow, esmagou Drizzt. Como era bom ouvi-las de novo, recordar que era mais do que um caçador obstinado; que a sua vida era mais do que apenas sobrevivência.

— Baixa as armas — repetiu Briza, com mais firmeza.

— Por... Porque estás aqui? — gaguejou-lhe Drizzt.

— Por tua causa, evidentemente, meu irmão — respondeu Briza, com demasiada gentileza. — A guerra com a Casa Hun'ett terminou finalmente. É tempo de regressares a casa.

Uma parte de Drizzt queria acreditar nela, queria esquecer aqueles factos da vida dos drow que o tinham forçado a abandonar a cidade onde nascera. Uma parte de Drizzt queria deixar cair as cimitarras na pedra e regressar ao abrigo — e à companhia — da sua vida anterior. O sorriso de Briza era tão convidativo.

Briza percebeu que a determinação dele começava a enfraquecer.

— Vem para casa, querido Drizzt — ronronou, com as palavras a transmitir um encantamento mágico menor. — És necessário lá. És agora o mestre de armas da Casa Do'Urden.

A súbita mudança de expressão de Drizzt disse a Briza que tinha cometido um erro. Zaknafein, o mentor e maior amigo de Drizzt, fora o mestre de armas da Casa Do'Urden, e fora sacrificado à Rainha Aranha. Drizzt nunca esqueceria esse facto.

Na verdade, Drizzt lembrou-se de muito mais do que dos confortos do lar, nesse momento. Lembrou-se ainda mais claramente dos males da sua vida passada, da maldade que os seus princípios simplesmente não poderiam tolerar.

— Não devias ter vindo — disse Drizzt, com a voz a soar como um uivo. — Nunca mais deves vir para estes lados!

— Querido irmão — respondeu Briza, mais para ganhar tempo do que para corrigir o erro óbvio. Manteve-se imóvel, com o rosto fixado naquele seu sorriso ambíguo.

Drizzt olhou para além dos lábios de Briza, que eram grossos e cheios, pelos padrões drow. A sacerdotisa não dizia nenhuma palavra, mas Drizzt conseguia ver bem que a boca dela se estava a mexer por detrás daquele sorriso gelado.

Um encantamento!

Briza sempre fora hábil no uso desse tipo de dissimulação.

— Vai para casa! — gritou-lhe Drizzt. E lançou o ataque.

Briza desviou-se do golpe com facilidade, porque este não era tinha intenção de a ferir, mas apenas de a fazer parar o encantamento.

— Maldito sejas, renegado Drizzt — gritou, abandonando toda a amizade fingida. — Baixa as tuas armas imediatamente, ou morres!

O chicote de cabeças de serpente surgiu numa ameaça clara.

Drizzt afastou os pés. Havia fogo a brilhar nos seus olhos cor de alfazema enquanto o caçador que havia dentro dele começava a erguer-se para responder ao desafio.

Briza hesitou, abalada pela súbita ferocidade que estava a crescer no irmão. Aquilo não era um guerreiro drow vulgar que tinha diante de si — e não tinha dúvidas disso. Drizzt tornara-se algo mais do que isso, algo mais formidável.

Mas Briza era uma alta sacerdotisa de Lolth, próxima do topo da hierarquia drow. Não se deixaria intimidar por um simples macho.

— Rende-te! — exigiu.

Drizzt não conseguia sequer decifrar as palavras dela, porque o caçador que estava diante de Briza já não era Drizzt Do'Urden. O selvagem e primitivo guerreiro que as recordações de Zaknafein tinham invocado era imune a palavras e mentiras.

O braço de Briza estendeu-se e as seis cabeças de víbora do chicote rodopiaram, contorcendo-se e enrolando-se de sua própria vontade para conseguirem o melhor ângulo de ataque.

As cimitarras do caçador responderam num borrão de movimentos impossíveis de discernir. Briza não conseguia seguir os movimentos rápidos como raios e, quando a rotina de ataque terminou, viu que apenas uma das cabeças de serpente tinha conseguido atingir o alvo, e que agora só cinco cabeças permaneciam agarradas ao chicote.

Agora numa raiva que quase igualava a do seu oponente, Briza carregou, agitando a sua arma danificada. Serpentes e cimitarras, e magros membros de drow, envolveram-se num bailado mortal.

Uma cabeça mordeu a perna do caçador, enviando uma onda de dor fria a correr-lhe pelas veias. Uma cimitarra derrotou outro ataque traiçoeiro, abrindo uma cabeça ao meio, mesmo entre as presas. Outra cabeça mordeu o caçador. Outra que caiu no chão de pedra.

Os contendores separaram-se, medindo-se. A respiração de Briza era difícil, depois daqueles furiosos minutos, mas o peito do caçador movia-se com facilidade e ritmado. Briza não fora atingida, mas o caçador recebera dois golpes.

Mas o caçador aprendera havia muito a ignorar a dor. Mantinha-se pronto para continuar, e Briza, com o seu chicote agora só com três cabeças de serpente, avançou teimosamente para ele. Hesitou por uma fracção de segundo quando reparou em Dinin, ainda caído no chão, mas aparentemente a recobrar os sentidos. Poderia o irmão vir em seu auxílio? Dinin remexeu-se e tentou levantar-se, mas descobriu que não tinha forças nas pernas para se erguer.

— Maldito! — rugiu Briza, com o seu veneno dirigido a Dinin, ou a Drizzt — não importava. Invocando o poder da divindade da Rainha Aranha, a alta sacerdotisa de Lolth atacou com toda a sua força.

Três cabeças de serpente caíram no chão após um único golpe cruzado das cimitarras do caçador.

— Maldito! — gritou Briza de novo, desta vez claramente para Drizzt. Tirou a maça do cinto e lançou um golpe feroz à cabeça do irmão.

Cimitarras cruzadas contiveram o golpe desajeitado muito antes que a maça encontrasse o alvo, e um pé do caçador subiu e pontapeou uma vez, duas vezes, e depois três, no rosto de Briza, antes de regressar ao chão.

Briza cambaleou para trás, com sangue nos olhos e a escorrer-lhe do nariz. Percebia a forma do irmão por ente o calor enevoadado do seu próprio sangue e lançou um golpe desesperado, em arco largo.

O caçador colocou uma cimitarra em posição de defesa contra a maça, voltando a lâmina de forma a que a mão de Briza corresse ao longo do gume cruel ao mesmo tempo que a maça passava longe do alvo. Briza gritou de dor e deixou cair a arma.

A maça caiu no chão, ao lado de dois dedos.

Dinin estava agora de pé, por detrás de Drizzt, com a espada na mão. Usando toda a sua disciplina, Briza manteve os olhos fixos em Drizzt, sem desviar a atenção dele. Se o conseguisse distrair pelo tempo suficiente...

O caçador pressentiu o perigo e girou para atacar Dinin.

Tudo o que Dinin conseguiu ver nos olhos cor de alfazema do irmão foi a sua própria morte. Deitou a espada para o chão e cruzou os braços diante do peito, em sinal de rendição. O caçador lançou uma ordem num uivo quase ininteligível, mas Dinin percebeu o sentido suficientemente bem, e correu o mais depressa que as suas pernas lhe permitiram.

Briza começou a mover-se lentamente, tentando seguir Dinin, mas uma lâmina de cimitarra barrou-lhe o caminho, pousando-lhe debaixo do queixo e forçando-a a deitar a cabeça tanto para trás que a única coisa que conseguia agora ver era o tecto.

A dor ardia nos membros do caçador, dor infligida por ela e pelo seu malévolo chicote. Agora, o caçador pretendia acabar com a dor e com a ameaça. Aquele era o seu domínio!

Briza murmurou uma prece final a Lolth enquanto sentia o gume afiado como uma lâmina a começar o corte. Mas então, num instante enevoadado e negro, viu-se livre. Olhou para baixo e viu Drizzt pregado ao chão por uma enorme pantera negra. Sem perder tempo a fazer perguntas, Briza correu pelo túnel atrás de Dinin.

O caçador desembaraçou-se de Guenhwyvar e saltou para se pôr de pé.

— Guenhwyvar! — gritou, afastando a pantera. — Apanha-a! Mata-a...

Guenhwyvar respondeu sentando-se e soltando um enorme bocejo. Com um movimento preguiçoso, a pantera levou uma pata até ao fio da bolsa de trazer ao pescoço e cortou-o, deixando cair a bolsa no chão.

O caçador ardia de raiva.

— Que estás a fazer? — gritou, apanhando a bolsa.

Teria Guenhwyvar tomado partido contra ele? Deu um passo atrás, colocando as cimitarras de forma hesitante entre ele e a pantera. Guenhwyvar não se mexeu, ficou apenas ali a olhar para ele.

Pouco depois, o clique de um arco disse a Drizzt o absurdo absoluto da sua linha de raciocínio. O dardo disparado tê-lo-ia encontrado, sem dúvida, mas Guenhwyvar saltou subitamente e interceptou-o no ar. O veneno drow não fazia nenhum efeito num felino mágico.

Três guerreiros drow apareceram de um dos lados da bifurcação, e outros dois do outro lado. Todos os pensamentos de vingança contra Briza desapareceram então de Drizzt, e seguiu Guenhwyvar numa correria pelas serpenteantes passagens. Sem a orientação da alta sacerdotisa e da sua magia, os guerreiros comuns nem sequer tentaram segui-los.

Muito tempo depois, Drizzt e Guenhwyvar viraram para outra passagem e pararam de correr, à escuta de quaisquer sons de perseguição.

— Vem — instruiu Drizzt, e começou a caminhar lentamente, convicto de que a ameaça de Dinin e Briza tinha sido eficazmente repelida.

Mais uma vez, Guenhwyvar sentou-se. Drizzt olhou com curiosidade para a pantera.

— Disse-te para vires — rugiu.

Guenhwyvar fixou nele um olhar que encheu o drow renegado de culpa. Depois, o felino levantou-se e avançou lentamente para junto do seu amo.

Drizzt acenou com a cabeça, pensando que Guenhwyvar ia obedecer-lhe. Virou costas e começou de novo a caminhar, mas a pantera começou a andar em círculos em volta dele, impedindo-o de avançar. Guenhwyvar continuou a andar em círculos e lentamente a névoa reveladora começou a aparecer.

— Que estás a fazer? — perguntou Drizzt. Guenhwyvar não parou. — Não te dei autorização para ires — voltou a gritar, inutilmente.

Guenhwyvar desaparecera.

Era uma longa caminhada de regresso à caverna de Drizzt. Aquela última imagem de Guenhwyvar seguia-o a cada passo, com os olhos enormes do felino como que cravados nas suas costas. Guenhwyvar censurara-o, percebeu para além de qualquer dúvida. Na sua raiva cega, Drizzt quase matara a própria irmã; e tê-la-ia certamente massacrado, se Guenhwyvar não tivesse saltado sobre ele.


Por fim, Drizzt rastejou para o pequeno cubículo na rocha que era o seu quarto.

As suas cogitações acompanharam-no. Uma década antes, Drizzt matara Masoj Hunett, e nessa ocasião jurara que nunca mais voltaria a matar

um drow. Para Drizzt, a palavra era o âmago dos seus princípios, desses mesmos princípios que o tinham forçado a desistir de tanta coisa.

Drizzt teria certamente traído a sua palavra nesse dia, se não fossem as acções de Guenhwyvar. Seria assim tão melhor, então, do que aqueles elfos negros que deixara para trás?

Drizzt vencera claramente o recontro com os irmãos e estava confiante em que poderia continuar a esconder-se de Briza — e de todos os outros inimigos que a Matrona Malice enviasse à sua procura. Mas, ali sozinho naquela caverna, percebeu uma coisa que o perturbava muito: que não podia esconder-se de si mesmo.



FUGIR DO CAÇADOR

Drizzt não pensou mais nas suas acções enquanto tratava das rotinas diárias, ao longo dos dias seguintes. Haveria de sobreviver, sabia disso. O caçador não aceitaria outra coisa. Mas o preço cada vez mais alto dessa sobrevivência fazia soar uma nota profunda e dissonante no coração de Drizzt Do'Urden.

Ainda que os constantes rituais do dia afastassem a dor, Drizzt dava consigo desprotegido ao fim do dia. O encontro com os irmãos perseguia-o, mantinha-se nos seus pensamentos tão vivamente como se voltasse a acontecer tudo a cada noite que passava. Inevitavelmente, acordava aterrado e só, esmagado pelos monstros dos seus sonhos. Compreendia — e saber isso só aumentava a sua sensação de estar indefeso — que nenhuma destreza com as armas, por mais espantosa que fosse, poderia derrotá-los.

Drizzt não receava que a mãe continuasse a procurar capturá-lo e puni-lo, embora soubesse que ela o faria, sem qualquer dúvida. Este era o seu mundo, muito diferente das avenidas serpenteantes de Menzoberranzan, com usos que os drow que viviam na cidade não conseguiam perceber. Ali no mundo selvagem, Drizzt tinha confiança que conseguiria sobreviver contra qualquer inimigo que a Matrona Malice enviasse atrás dele.

Drizzt também conseguiu libertar-se da esmagadora culpa das suas acções contra Briza. Racionalizou que tinham sido os irmãos que o tinham forçado àquele perigoso encontro, e que fora Briza, ao tentar lançar um encantamento, quem iniciara o combate. Mesmo assim, percebeu que haveria

de gastar muitos dias a encontrar as respostas às perguntas que as suas acções tinham suscitado relativamente à natureza do seu carácter.

Ter-se-ia tornado o selvagem e impiedoso caçador por causa das duras condições que lhe tinham sido impostas? Ou seria este caçador uma expressão do ser que Drizzt sempre fora? Não eram perguntas a que conseguisse responder com facilidade, mas, nesta altura, eram as que mais o preocupavam.

O que Drizzt não conseguia esquecer acerca do encontro com os irmãos era o som das vozes deles, a melodia das palavras faladas que conseguia compreender e responder. Em todas as suas recordações desses breves momentos com Briza e Dinin, eram as palavras, e não os golpes, que mais se destacavam. Drizzt agarrava-se a elas desesperadamente, ouvindo-as uma e outra vez na sua mente e receando o dia em que se desvanecessem. Então, ainda que se lembrasse delas, já não as ouviria.

Ficaria sozinho outra vez.

Drizzt tirou a estatueta de ónix do bolso pela primeira vez desde que Guenhwyvar lhe fugira. Colocou-a sobre a pedra à sua frente e olhou para os entalhes na parede para perceber quanto tempo tinha passado desde a última vez que convocara a pantera. Apercebeu-se imediatamente da inutilidade dessa atitude. Quando fizera o último entalhe na parede? E para que serviam aqueles entalhes, de qualquer forma? Como poderia ter a certeza da sua contagem, mesmo que fizesse uma marca regularmente após cada um dos seus períodos de sono?

— O tempo é qualquer coisa daquele outro mundo — murmurou, com um tom de lamentação.

Levantou o punhal em direcção à parede, num gesto de negação das suas próprias palavras.

— Que importa? — perguntou retoricamente, deixando cair o punhal no chão. O tilintar metálico quando o punhal atingiu o chão enviou-lhe um arrepio pela espinha, como se fosse um sino a assinalar a sua rendição.

A respiração tornou-se-lhe difícil. O suor formava-lhe gotas nas sobrancelhas negras e sentia as mãos subitamente frias. A toda a sua volta, as paredes da caverna, a pedra que o tinha abrigado durante anos contra os perigos sempre presentes do Subescuro, tudo agora parecia oprimi-lo. Imaginava rostos à espreita nas fendas das paredes e nas formas das rochas. Esses rostos troçavam dele e riam-se, menosprezando o seu teimoso orgulho.

Virou-se para fugir, mas tropeçou numa pedra e caiu no chão. Esfolou um joelho e fez mais um buraco no seu já esfarrapado *piwafwi*. Drizzt pouco se importou com o joelho ou com o manto, quando olhou para trás, para a pedra que o fizera cair; porque outro facto o assolou, deixando-o confuso.

O caçador tropeçara. Pela primeira vez em mais de uma década, o caçador tropeçara.

— Guenhwyvar! — gritou Drizzt freneticamente. — Vem ter comigo! Oh, por favor, minha Guenhwyvar!

Não sabia se a pantera responderia. Afinal, depois da última despedida pouco amistosa, Drizzt não podia ter a certeza de que Guenhwyvar voltasse alguma vez a caminhar ao seu lado. Caminhou pesadamente até à estatueta, com cada centímetro a parecer-lhe uma luta cansativa contra a fraqueza do desespero.

Mas a névoa rodopiante estava agora a aparecer. A pantera não abandonaria o seu amo, não manteria rancores para com o drow que tinha sido seu amigo.

Drizzt descontraíu-se enquanto a névoa tomava forma, usando essa visão para bloquear as malévolas alucinações das pedras. Depressa Guenhwyvar ficou sentada ao lado dele, lambendo descontraidamente uma grande pata. Drizzt olhou longamente os enormes olhos da pantera e não viu neles nenhuma censura. Era apenas Guenhwyvar, sua amiga e sua salvação.

Drizzt flectiu as pernas, saltou para chegar ao felino e agarrou-lhe o pescoço musculoso num forte e desesperado abraço. Guenhwyvar aceitou o abraço sem responder, soltando-se apenas o suficiente para continuar a lambar a pata. Se o felino, na sua inteligência de outro mundo, compreendia a importância daquele abraço, não deu disso quaisquer sinais visíveis.

* * *

A inquietação marcou os dias seguintes de Drizzt. Manteve-se sempre em movimento, percorrendo os túneis em volta do seu santuário. A Matrona Malice andava atrás dele, lembrava a si mesmo constantemente. Não se podia dar ao luxo de ter quaisquer pontos fracos nas suas defesas.

Bem no fundo de si mesmo, para lá de quaisquer racionalizações, Drizzt sabia a verdade acerca dos seus movimentos. Podia dar a si mesmo a desculpa de andar a patrulhar, mas, na verdade, fugira. Fugira das vozes e dos rostos nas paredes da sua pequena caverna. Fugira de Drizzt Do'Urden, e estava de regresso ao caçador.

Gradualmente, os seus percursos começaram a tornar-se mais longos, muitas vezes deixando-o afastado da caverna durante vários dias seguidos. Secretamente, ansiava por um encontro com um inimigo poderoso. Preciava de uma recordação tangível da necessidade dessa existência primitiva, de uma batalha contra um qualquer monstro horrendo que o colocasse num modo de sobrevivência puramente instintiva.

O que Drizzt encontrou, em vez disso, certo dia, foi uma vibração de um distante bater numa parede, o bater ritmado, comedido, de uma picareta de mineiro.

Drizzt encostou-se à parede e considerou cuidadosamente o seu movimento seguinte. Sabia aonde o som o levaria: estava nos mesmos túneis por onde vaguara quando fora à procura dos seus rothe tresmalhados, os mesmos túneis onde tinha encontrado o grupo de mineiros svirfnebli, algumas semanas antes. Nessa altura, Drizzt não conseguiria admiti-lo, mas não podia ser simples coincidência ter calhado encontrar-se de novo naquela região. O seu subconsciente tinha-o trazido ali para ouvir o bater das picaretas dos svirfnebli e, mais especialmente, para ouvir o riso e a tagarelice das vozes dos gnomos das profundezas.

Agora, Drizzt estava verdadeiramente dividido, encostado pesadamente contra a parede. Sabia que espiar os mineiros svirfnebli só lhe traria mais tormentos, que ao ouvir aquelas vozes se tornaria ainda mais vulnerável à dor da solidão. Os gnomos das profundezas regressariam decerto à sua cidade, e Drizzt seria mais uma vez deixado ali sozinho e vazio.

Mas tinha vindo para ouvir o martelar, e agora este vibrava na pedra, chamando-o com uma força demasiado forte para ignorar. O bom senso lutava contra a ânsia que o impelia para aquele som, mas tinha tomado já uma decisão, mal dera os primeiros passos naquela região. Censurou-se pela sua tolice, abanando a cabeça em negação. Apesar dos seus pensamentos conscientes, as pernas moviam-se, levando-o na direcção do som ritmado das picaretas.

Os instintos sempre em alerta do caçador debatiam-se contra a aproximação aos mineiros, ao mesmo tempo que Drizzt olhava para baixo, de uma saliência elevada, para o grupo de svirfnebli. Mas não se foi embora. Durante vários dias, tanto quanto conseguia medi-los, manteve-se na vizinhança dos gnomos das profundezas mineiros, apanhando pedaços das conversas deles onde quer que pudesse, observando-os a trabalhar e a divertir-se.

Quando chegou o dia inevitável de os mineiros partirem, Drizzt compreendeu a profundidade da sua tolice. Fora fraco ao vir perto dos gnomos das profundezas; negara a brutal verdade da sua existência. Agora, teria de regressar para o seu escuro e vazio buraco, ainda mais só devido às recordações dos últimos dias.

Os carrinhos de mão dos gnomos deslizaram até desaparecerem pelos túneis que levavam à cidade dos svirfnebli. Drizzt deu os primeiros passos de regresso ao seu santuário, a caverna de musgo com o riacho e com o terreno de cogumelos tratado pelos micónides.

Em todos os séculos de vida que ainda tinha para viver, Drizzt não voltaria a olhar para aquele lugar.

Mais tarde, não se conseguiria recordar de que direcção tinha tomado; não fora uma decisão consciente. Algo o chamara — talvez o persistente restolhar dos carrinhos carregados de pedras preciosas — e só quando Drizzt ouviu o bater das grandes portas exteriores de Blingdenstone percebeu o que queria fazer.

— Guenhwyvar! — sussurrou para a estatueta, estremecendo perante o volume perturbante da sua própria voz.

Mas os guardas svirfnebli da grande escadaria estavam entretidos nas suas conversas e Drizzt estava seguro.

A névoa cinzenta rodopiou em redor da estatueta e Guenhwyvar respondeu ao chamamento do seu amo. As orelhas do grande felino baixaram-se e a pantera farejou em redor cautelosamente, tentando tomar conhecimento do local que não lhe era familiar.

Drizzt respirou fundo e forçou as palavras a saírem-lhe da boca:

— Queria despedir-me de ti, minha amiga — sussurrou. As orelhas de Guenhwyvar empinaram-se, e as pupilas dos olhos amarelos e brilhantes do felino abriram-se e estreitaram-se de novo enquanto estudavam rapidamente Drizzt.

— No caso de... — prosseguiu Drizzt. — Não posso mais viver aqui fora, Guenhwyvar. Receio estar a perder tudo o que dá sentido à vida. Receio estar a perder-me de mim próprio — olhou rapidamente por cima do ombro, para a escada que subia para Blingdenstone. — E isso é-me mais precioso do que a vida. Consegues compreender isso, Guenhwyvar? Preciso de mais, de mais do que a simples sobrevivência. Preciso de uma vida definida por algo mais do que os instintos selvagens da criatura em que me transformei.

Recostou-se contra a parede de pedra. As suas palavras soavam tão lógicas e simples... Mas sabia que cada degrau daquela escada até à cidade dos gnomos das profundezas seria um teste à sua coragem e às suas convicções. Lembrava-se do dia em que tinha estado ali, junto às portas enormes de Blingdenstone. Por muito que quisesse, Drizzt não fora capaz de se decidir a seguir os gnomos. Fora completamente apanhado por uma paralisia bem real que o imobilizara e retivera quando pensara em correr pelas portas abertas até à cidade dos gnomos.

— Raramente me julgaste, minha amiga — disse Drizzt para a pantera. — E de todas as vezes que o fizeste, fizeste-o com justiça. Consegues perceber-me, Guenhwyvar? Nos próximos momentos, poderemos perder-nos um do outro para sempre. Consegues compreender por que tenho de fazer isto?

Guenhwyvar moveu-se para se pôr ao lado de Drizzt, e empurrou a sua enorme cabeça de felino contra as costelas dele.

— Minha amiga — murmurou Drizzt para o ouvido do felino. — Volta agora para trás, antes que eu perca a coragem. Regressa ao teu lar e mantém a esperança de que nos voltemos a encontrar.

Guenhwyvar virou costas obedientemente e avançou para a estatueta. A transição pareceu a Drizzt, desta vez, demasiado rápida; e depois apenas restou a estatueta. Drizzt apanhou-a e olhou para ela. Voltou a avaliar o risco do que tinha pela frente. Depois, levado pelas mesmas necessidades subconscientes que o tinham trazido até ali, correu para a escadaria e começou a subir. Acima dele, as conversas dos gnomos pararam; aparentemente, os guardas tinham sentido que alguém ou alguma coisa se aproximava.

Mas a surpresa dos guardas svirfnebli não diminuiu quando um elfo drow chegou ao cimo da escada e avançou para o patamar diante das portas da sua cidade.

Drizzt cruzou os braços sobre o peito, um gesto indefeso que os elfos drow interpretavam como sinal de paz. Só podia esperar que os svirfnebli estivessem familiarizados com esse gesto, porque só a sua presença já deixara os guardas completamente nervosos. Tropeçavam uns nos outros, correndo pelo pequeno patamar, uns acorrendo a proteger as portas da cidade, outros rodeando Drizzt com um círculo de armas apontadas, e outros ainda descendo alguns degraus da escada para tentar perceber se o elfo negro seria apenas o primeiro de um grupo inteiro de combate drow.

Um svirfnebli, líder do contingente de guardas e aparentemente em busca de uma qualquer explicação, gritou uma série de perguntas a Drizzt. Drizzt encolheu os ombros, desolado, e a meia dúzia de gnomos à sua volta saltaram para trás cautelosamente assim que o viram mexer-se.

O svirfnebli falou de novo, mais alto agora, e agitou a ponta bem afiada da sua lança de ferro na direcção de Drizzt. Drizzt não conseguia compreender nada, nem responder naquela língua desconhecida.

Muito lentamente e bem à vista, deslizou uma mão pelo estômago até à fivela do cinturão. O líder dos gnomos das profundezas agarrou com força a arma enquanto vigiava cada movimento do elfo negro.

Um gesto do pulso de Drizzt soltou a fivela do cinturão, e as cimitarras caíram com estrondo no chão de pedra.

Os svirfnebli saltaram em uníssono, e depois recompuseram-se rapidamente e avançaram para ele. A uma única palavra do líder do grupo, dois dos guardas baixaram as armas e começaram uma busca minuciosa, e não totalmente delicada, do intruso. Drizzt encolheu-se quando encontraram o punhal que mantivera na bota. Considerou-se estúpido por se ter esquecido daquela arma e por não a ter revelado abertamente desde logo.

Um momento mais tarde, quando um dos svirfnebli meteu uma mão

no bolso mais fundo do *piwafwi* de Drizzt e retirou de lá a estatueta de ónix, Drizzt encolheu-se ainda mais.

Instintivamente, tentou agarrar a estatueta, com uma expressão de sú-
plica no rosto.

Recebeu como resposta um empurrão do lado rombo de uma lança nas costas. Os gnomos das profundezas não eram uma raça malévola, mas não tinham nenhum apreço pelos elfos negros. Os *svirfnebli* tinham sobrevivido durante séculos incontáveis no Subescuro com poucos aliados, mas com muitos inimigos, e os elfos negros estavam sempre entre os primeiros destes últimos. Desde a fundação da velha cidade de Blingdenstone, a maioria dos muitos *svirfnebli* que tinham sido mortos lá fora tinha sucumbido às armas dos *drow*.

Os gnomos das profundezas ataram as mãos de Drizzt atrás das costas e quatro dos guardas mantiveram as armas encostadas a ele, prontos a enterrá-las ao menor gesto ameaçador de Drizzt. Os restantes guardas regressaram da sua busca nas escadas, reportando que não havia mais nenhum elfo negro à vista nas vizinhanças. O líder continuou desconfiado, porém, e colocou guardas em várias posições estratégicas, e depois dirigiu-se aos dois gnomos das profundezas que esperavam às portas da cidade.

As portas enormes abriram-se e Drizzt foi conduzido para elas. Só podia esperar, nesse momento de receio e de excitação, que tivesse deixado o caçador lá fora na selva do Subescuro.



Sem pressa de se apresentar diante da sua ultrajada mãe, Dinin vagueou lentamente até à antecâmara da capela da Casa Do'Urden. A Matrona Malice mandara-o chamar, e não poderia negar-se a comparecer. Encontrou Vierna e Maya no corredor junto às portas ornamentadas, também hesitantes.

— De que se trata? — perguntou Dinin às irmãs no código gestual silencioso.

— A Matrona Malice tem estado todo o dia com Briza e com Shi'nayne — explicaram as mãos de Vierna.

— A planejar mais uma expedição em busca de Drizzt — gesticulou Dinin desconsoladamente, não apreciando a ideia de que seria, sem dúvida, incluído nesses planos.

As duas fêmeas não deixaram de perceber a expressão de desprezo do irmão.

— Foi mesmo assim tão terrível? — perguntou Maya. — Briza pouco disse sobre isso.

— Os dedos que perdeu e o chicote arruinado revelam muito — acrescentou Vierna, com um sorriso amargo a atravessar-lhe o rosto enquanto andava. Vierna, como qualquer outro filho da Casa Do'Urden, pouco amor tinha pela irmã mais velha.

Não houve nenhum sorriso de concordância no rosto de Dinin enquanto recordava o seu encontro com Drizzt.

— Vocês foram testemunhas das proezas do nosso irmão com as armas

enquanto ele vivia connosco — responderam as mãos de Dinin. — A des-
treza dele aumentou dez vezes durante estes seus anos fora da cidade.

— Mas como estava ele? — perguntou Vierna, obviamente intrigada
pela capacidade de Drizzt para sobreviver.

Desde o regresso da patrulha com o relato de que Drizzt estava ainda
vivo, Vierna esperara em segredo poder voltar a ver o irmão mais novo.
Partilhavam o mesmo pai, segundo se dizia, e Vierna tinha mais simpatia
por Drizzt do que seria sensato admitir, dados os sentimentos de Malice
por ele.

Notando a expressão excitada dela, e lembrando-se da sua própria hu-
milhação às mãos de Drizzt, Dinin lançou um olhar de desaprovação para
Vierna.

— Não temas, querida irmã — disseram rapidamente as mãos de Di-
nin. — Se Malice te mandar a ti lá para fora desta vez, como suspeito que
fará, verás tanto Drizzt quanto desejares, e mais ainda!

Dinin bateu com as mãos, para dar ênfase, quando acabou, e passou
por entre as duas fêmeas e pelas portas da antecâmara.

— O vosso irmão esqueceu-se de como se bate a uma porta — disse
a Matrona Malice para Briza e Shi'nayne, que estavam uma de cada lado
dela.

Rizzen, ajoelhando-se diante do trono, olhou por cima do ombro para
ver Dinin.

— Não te dei autorização para levatares os olhos! — gritou Malice
para o patrono. Bateu com o punho fechado no braço do trono e Rizzen
rojou-se no chão imediatamente, receoso. As palavras seguintes de Malice
carregavam em si a força de um encantamento.

— Rasteja! — mandou. E Rizzen rastejou até aos pés dela. Malice esten-
deu uma mão ao macho, ao mesmo tempo que olhava directamente para
Dinin. O Rapaz Mais Velho percebeu o objectivo da mãe. — Beija! — disse
para Rizzen, que imediatamente começou a cobrir de beijos a mão estendi-
da. — Levanta-te! — mandou por fim.

Rizzen ainda ia a meio do gesto de se levantar quando a matrona lhe
assestou um murro em cheio na cara, fazendo-o cair como um trapo no
chão de pedra.

— Se te mexeres, mato-te — prometeu Malice. E Rizzen ali ficou, com-
pletamente imóvel, sem duvidar minimamente da palavra dela.

Dinin sabia que aquele espectáculo era mais para ele do que para Ri-
zzen. Malice, sem pestanejar, continuava a olhar para ele.

— Desiludiste-me — disse por fim.

Dinin aceitou a acusação sem contestar, sem sequer se atrever a respirar
até Malice se virar bruscamente para Briza.

— E tu também! — gritou Malice. — Seis guerreiros drow treinados ao teu lado, e tu, uma alta sacerdotisa, não foste capaz de me trazer Drizzt!

Briza abria e fechava com força os dedos enfraquecidos que Malice lhe tinha magicamente devolvido à mão.

— Sete contra um — prosseguiu Malice — e voltam para aqui a contar histórias de horror!

— Hei de apanhá-lo, Matrona Mãe — prometeu Maya, enquanto ocupava o seu lugar ao lado de Shi'nayne. Malice olhou para Vierna, mas a segunda filha era mais relutante em fazer tão grandes afirmações.

— Falas com ousadia — disse Dinin para Maya. Imediatamente a careta de incredulidade de Malice se virou para ele, num aviso claro de que não estava em posição de falar.

Mas Briza completou prontamente o pensamento de Dinin:

— Demasiada ousadia — rosnou. A careta de Malice assestou nela imediatamente, mas Briza era uma alta sacerdotisa nos favores da Rainha Aranha, e também estava no seu direito de falar. — Nada sabes do nosso jovem irmão — prosseguiu Briza, falando tanto para Maya como para Malice.

— É apenas um macho — retorquiu Maya. — Eu teria...

— Tu terias sido esquarterada! — gritou-lhe Briza. — Guarda as tuas palavras tontas e as tuas promessas ocas, irmã mais nova. Lá fora, nos túneis para lá de Menzoberranzan, Drizzt matar-te-ia sem qualquer dificuldade.

Malice escutava atentamente. Já ouvira por várias vezes o relato de Briza acerca do encontro, e sabia o suficiente acerca da coragem da filha mais velha para perceber que Briza não estava a falar falsamente.

Maya recuou do confronto, não querendo criar nenhuma briga com Briza.

— Serias capaz de o derrotar — perguntou Malice a Briza —, agora que já percebes melhor aquilo que ele se tornou?

Em resposta, Briza mexeu a mão ferida de novo. Levaria várias semanas até que recuperasse o uso total dos dedos cortados.

— Ou tu? — perguntou Malice, desta vez a Dinin, interpretando o gesto de Briza como uma resposta conclusiva.

Dinin respondeu com rodeios, sem saber como responder a esta mãe tão inconstante. A verdade poderia deixá-lo em maus lençóis com Malice, mas uma mentira enviá-lo-ia de regresso aos túneis, contra o seu irmão.

— Fala-me com franqueza! — rugiu Malice. — Desejas uma nova caçada a Drizzt, para poderes recuperar a minha consideração?

— Eu... — Dinin gaguejou, e depois baixou os olhos, defensivamente. Malice colocara um encantamento de detecção na resposta dele, e Dinin percebeu-o. — Não... — respondeu simplesmente. — Mesmo com o custo

de perder a tua consideração, Matrona Mãe, não desejo ir de novo atrás de Drizzt.

Maya e Vierna — e até mesmo Shi'nayne — ficaram espantadas com a resposta honesta, pensando que nada poderia ser pior do que a ira de uma Matrona Mãe. Briza, contudo, fez um sinal de assentimento, pois também ela já vira mais de Drizzt do que gostaria. Malice não deixou escapar o significado do gesto da filha.

— Com o teu perdão, Matrona Mãe — prosseguiu Dinin, tentando desesperadamente curar quaisquer sentimentos negativos que tivesse suscitado —, vi Drizzt em combate. E ele derrotou-me com demasiada facilidade, de uma forma que creio que nenhum outro inimigo seria capaz. Derrotou Briza lealmente, e eu nunca a tinha visto ser derrotada! Não desejo perseguir de novo o meu irmão, pois receio que o resultado só te traria mais ira e mais sarilhos para a Casa Do'Urden.

— Tens medo? — perguntou Malice desdenhosamente.

Dinin assentiu.

— E sei que apenas te poderia desapontar mais uma vez, Matrona Mãe. Nos túneis a que chama sua casa, Drizzt está para além das minhas capacidades. Não posso ter qualquer esperança de o vencer.

— Não posso aceitar uma tal cobardia num macho — disse Malice friamente.

Dinin, sem alternativa, aceitou o insulto estoicamente.

— Mas tu és uma alta sacerdotisa de Lolth! — desafiou Malice para Briza. — Certamente um macho renegado não estará para além dos poderes que a Rainha Aranha te conferiu!

— Escuta as palavras de Dinin, minha matrona — respondeu Briza.

— Lolth está contigo! — gritou-lhe Shi'nayne.

— Mas Drizzt está para além da Rainha Aranha — retorquiu Briza. — Lamento que Dinin esteja a falar a verdade... por todos nós. Não conseguiremos apanhar Drizzt lá fora. A selva do Subescuro é o seu domínio, onde nós somos apenas estranhos.

— Então, que haveremos de fazer? — resmungou Maya.

Malice recostou-se no trono e apoiou o queixo pontiagudo na mão. Incitara Dinin sob grande pressão, e mesmo assim ele não se aventuraria voluntariamente a ir atrás de Drizzt. Briza, ambiciosa e poderosa, e com o favor de Lolth do seu lado, mesmo que a Casa Do'Urden e a Matrona Malice não o tivessem, regressara sem o seu apreciado chicote e sem dedos de uma mão.

— Jarlaxle e o seu bando de renegados? — propôs Vierna, vendo o dilema da mãe. — Os Bregan D'aerthe têm-nos sido valiosos ao longo de muitos anos.

— O líder dos mercenários não concordará — respondeu Malice, pois tentara contratar o mercenário para esse fim anos antes. — Cada membro de Bregan D'aerthe segue as decisões de Jarlaxle, e nem toda a riqueza que possuímos o tentaria. Suspeito que Jarlaxle esteja sob ordens estritas da Matrona Baenre. Drizzt é problema nosso e fomos encarregados pela Rainha Aranha de corrigir esse problema.

— Se assim mandares, irei — avançou Dinin. — Apenas receio desapontar-te mais uma vez, Matrona Mãe. Não temo as espadas de Drizzt, ou a própria morte ao teu serviço.

Dinin lera suficientemente bem a negra disposição da mãe para saber que ela não tinha qualquer intenção de o mandar de novo atrás de Drizzt, e achou sensato mostrar-se tão generoso, quando isso nada lhe custaria.

— Agradeço-te, meu filho — Malice olhou para ele com benevolência. Dinin teve de sufocar um sorriso quando percebeu que todas as suas irmãs estavam a olhar fixamente para ele. — Agora, deixa-nos — prosseguiu Malice, em tom condescendente, arruinando o momento de triunfo de Dinin. — Temos assuntos a tratar que não dizem respeito a machos.

Dinin fez uma profunda vénia e deslizou para a porta. As irmãs notaram a facilidade com que Malice lhe retirara o jeito orgulhoso do andar.

— Recordar-me-ei das tuas palavras — disse Malice secamente, apreciando o jogo de forças e o aplauso silencioso. Dinin fez uma pausa, com a mão pousada no puxador da porta ornamentada. — Um dia, provar-me-ás a tua lealdade, sem dúvida.

Todas as cinco altas sacerdotisas se riram nas costas de Dinin enquanto este se apressava a sair da sala.

No chão, Rizen deu consigo num dilema assaz perigoso. Malice mandara Dinin embora, dizendo, essencialmente, que os machos não tinham permissão para permanecer na sala. No entanto, Malice ainda não lhe dera permissão para se mexer. Apoiou os pés e as mãos firmemente no chão, pronto a saltar dali num ápice.

— Ainda aqui estás? — guinchou Malice para Rizen. O macho deu um salto em direcção à porta. — Pára! — gritou-lhe Malice, de novo com as palavras reforçadas por um encantamento mágico.

Rizen estacou imediatamente, contra o que mandaria o bom senso e incapaz de resistir ao encantamento da Matrona Malice.

— Não te dei permissão para te mexeres! — gritou Malice atrás dele.

— Mas... — começou Rizen a protestar.

— Agarrem-no! — ordenou Malice às duas filhas mais novas. Vierna e Maya correram para Rizen e agarraram-no bruscamente. — Ponham-no

numa masmorra — instruiu-as Malice. — Mantenham-no vivo. Precisaremos dele mais tarde.

Vierna e Maya arrastaram o macho a tremer para fora da sala. Rizen não se atreveu a oferecer qualquer resistência.

— Tens um plano — disse Shi'nayne para Malice. Enquanto fora SiNafay, matrona mãe da Casa Hunett, a nova Do'Urden aprendera a ver propósito em cada acção. Conhecia os deveres de uma matrona mãe suficientemente bem e compreendeu que a súbita agressividade para com Rizen, que na verdade nada tinha feito de errado, era mais uma intenção calculada do que verdadeiro ultraje.

— Concordo com a tua avaliação — disse Malice para Briza. — Drizzt está para além de nós.

— Mas, segundo as palavras da própria Matrona Baenre, não podemos falhar — lembrou Briza à mãe. — O teu lugar no Conselho Governante deve ser fortalecido a qualquer preço.

— Não falharemos — disse Shi'nayne a Briza, continuando a olhar para Malice. Outro olhar frio passou pelo rosto de Malice enquanto Shi'nayne prosseguia: — Em dez anos de batalhas contra a Casa Do'Urden — disse — aprendi a conhecer os métodos da Matrona Malice. A vossa mãe encontrará maneira de apanhar Drizzt — fez uma pausa, notando o sorriso cada vez mais aberto da mãe. — Ou, se calhar, já encontrou uma maneira...

— Veremos — ronronou Malice, com a arrogância a crescer com o voto de confiança da antiga rival. — Veremos.

* * *

Mais de duzentos comuns da Casa Do'Urden apinhavam-se na grande capela, trocando excitadamente rumores sobre os eventos que aí vinham. Os comuns raramente tinham acesso a este local sagrado, a não ser nas altas festividades de Lolth ou nas orações comuns antes de uma batalha. No entanto, não havia entre eles nenhuma expectativa de uma guerra, e também não era nenhuma data festiva no calendário drow.

Dinin Do'Urden, também ansioso e excitado, circulava por entre a multidão, acomodando os elfos negros em filas de assentos que rodeavam o altar central. Sendo apenas um macho, Dinin não tomaria parte na cerimónia que ocorreria no altar, e a Matrona Malice nada lhe dissera dos seus planos. A partir das instruções que lhe dera, porém, Dinin ficara a saber que os resultados dos acontecimentos deste dia se mostrariam críticos para o futuro da família. Era o líder dos cânticos; mover-se-ia continuamente por toda a assembleia, liderando os comuns nos versículos adequados em louvor da Rainha Aranha.

Dinin já antes desempenhara este papel, mas desta vez a Matrona Malice avisara-o de que se uma única voz fosse chamada incorrectamente, a vida dele estaria condenada. E outro facto ainda perturbava o Rapaz Mais Velho da Casa Do'Urden. Era normalmente acompanhado nos seus deveres na capela pelo outro macho da casa, o actual companheiro de Malice. Rikken não fora mais visto desde aquele dia em que a família se reunira na antecâmara. Dinin suspeitava de que o reinado de Rikken em breve chegaria a um estrepitoso fim. Não era segredo que a Matrona Malice já antes oferecera companheiros a Lolth.

Quando todos os comuns já estavam sentados, luzes vermelhas mágicas começaram a brilhar suavemente por toda a sala. A iluminação foi aumentando gradualmente, permitindo que os olhos dos elfos negros reunidos fizessem suavemente a transição do espectro infravermelho para o reino da luz.

Vapores enevoados deslizavam por debaixo dos assentos, lambiam o chão e erguiam-se em plumas ondeantes. Dinin liderou a multidão num sussurro grave, que era o chamamento da Matrona Malice.

Malice apareceu no alto do tecto abobadado da sala, com os braços abertos e as pregas do vestido negro com as insígnias em forma de aranha a adejar numa brisa encantada. Desceu lentamente, fazendo círculos completos para apreciar a reunião — e para os deixar observar o esplendor que era a sua Matrona Mãe.

Quando Malice pousou no altar central, Briza e Shi'nayne apareceram no tecto, flutuando em descida de forma similar. Pousaram e tomaram os seus lugares, Briza junto a uma arca coberta por um pano ao lado da mesa sacrificial em forma de aranha, e Shi'nayne por trás da Matrona Malice.

Malice bateu as palmas e o chamamento parou abruptamente. Oito braseiros que rodeavam o altar ganharam vida com fragor, com as chamas menos dolorosas para os sensíveis olhos dos drow devido à névoa avermelhada.

— Entrem, minhas filhas! — gritou Malice. E todas as cabeças se voltaram para as portas principais da capela.

Maya e Vierna entraram, com Rikken, cambaleante e aparentemente drogado, apoiado entre elas e um caixão a flutuar no ar atrás delas.

Dinin, entre os outros, pensou que aquela era uma estranha disposição. Podia presumir, calculou, que Rikken ia ser sacrificado, mas nunca tinha ouvido falar de se trazer um caixão para a cerimónia.

As filhas mais novas Do'Urden avançaram até ao altar central e amarraram rapidamente Rikken à mesa sacrificial. Shi'nayne interceptou o caixão flutuante e conduziu-o até uma posição mais para o lado, em frente a Briza.

— Chamai a aia! — gritou Malice, e Dinin imediatamente liderou a multidão no cântico adequado. Os braseiros aumentaram de força; Malice e as outras altas sacerdotisas incitavam a multidão com gritos ampliados de palavras-chave do cântico de invocação. Um súbito vento apareceu de parte nenhuma, segundo parecia, e sacudiu a névoa numa dança frenética.

As chamas dos oito braseiros disparavam em linhas altas por cima do centro da plataforma circular. Depois, os braseiros sopraram uma única vez numa explosão de fogo em unísono, lançando as últimas chamas ao som da invocação, e por fim ficaram a arder lentamente enquanto as linhas de fogo rolavam juntas numa única bola e se tornavam um singular pilar de chamas.

Os comuns estavam pasmados, mas continuaram os seus cânticos enquanto o pilar de fogo rodava, passando por todas as cores do espectro, arrefecendo gradualmente até as chamas desaparecerem. No lugar delas estava agora uma criatura tentacular, mais alta do que um elfo drow e parecida com uma vela meio derretida, com traços faciais alongados. Toda a multidão reconheceu aquele ente, embora poucos comuns tivessem realmente visto um antes disto. A não ser talvez em ilustrações dos livros sacerdotais. Todos os presentes perceberam então a importância desta reunião, nesse momento, porque nenhum drow poderia deixar de perceber o significado da presença de uma yochlol, de uma aia pessoal de Lolth.

— Saudações, Aia — disse Malice bem alto. — Abençoada é Daermon N'áshezbaernon pela tua presença.

A yochlol observou a reunião durante um bom tempo, surpreendida por a Casa Do'Urden ter feito uma tal convocação. A Matrona Malice não estava nos favores de Lolth.

Apenas as altas sacerdotisas sentiram a pergunta telepática:

— *Porque te atreveste a convocar-me?*

— Para emendar os nossos erros! — gritou Malice bem alto, levando toda a reunião a um momento de tensão. — Para recuperar o favor da nossa Senhora, o favor que é o único objectivo da nossa existência!

Malice olhou intensamente para Dinin, e este começou o cântico adequado, o cântico mais elevado de louvor à Rainha Aranha.

— *Estou agradada com a tua exibição, Matrona Malice* — chegaram os pensamentos da yochlol, desta vez dirigidos apenas a Malice. — *Mas sabes bem que esta reunião nada faz para te ajudar nas tuas penas!*

— *Isto é apenas o começo* — respondeu Malice mentalmente, confiando em que a aia poderia ler-lhe todos os pensamentos. A matrona reconfortou-se com esse conhecimento, pois tinha fé em que os seus desejos de reconquistar o favor de Lolth eram sinceros. — *O meu filho mais novo desagrudou à Rainha Aranha. Tem de pagar pelos seus actos.*

As outras altas sacerdotisas, excluídas da conversa telepática, uniram-se ao cântico a Lolth.

— *Drizzt Do'Urden vive* — lembrou a yochlol a Malice. — *E não está sob tua custódia.*

— *Isso em breve será corrigido* — prometeu Malice.

— *Que queres de mim?*

— *Zin-carla!* — gritou Malice bem alto.

A yochlol ondulou para trás, momentaneamente espantada pela ousadia do pedido. Malice manteve-se firme, determinada a que o seu plano não falhasse. À sua volta, as outras sacerdotisas sustiveram a respiração, compreendendo completamente que o momento de triunfo ou de desastre recairia sobre todos eles.

— *É a nossa mais alta dádiva* — responderam os pensamentos da aia —, *raramente oferecida sequer a matronas no favor da Rainha Aranha. E tu, que não agradaste a Lolth, atreves-te a pedir Zin-carla?*

— *Está certo e é adequado* — respondeu Malice. Depois, em voz alta, precisando do apoio da família, gritou: — Que o meu filho mais novo saiba a loucura dos seus modos e o poder dos inimigos que fez. Que o meu filho veja a horrível glória de Lolth revelada, para que caia de joelhos e implore o perdão! — Malice mudou depois de novo para a comunicação telepática: — *Só então o espírito-espectro lhe enterrará a espada no coração!*

Os olhos da yochlol ficaram inexpressivos enquanto a criatura se voltava para si mesma, procurando orientação no seu plano de existência. Muitos minutos — minutos agonizantes para a Matrona Malice e para todos os que ali estavam reunidos em silêncio — passaram antes que os pensamentos da yochlol regressassem.

— *Tens o cadáver?*

Malice fez sinal a Maya e Vierna, e estas correram para o caixão e retiraram a tampa de pedra. Dinin percebeu então que o caixão não tinha sido trazido para Rikken, mas estava já ocupado. Um cadáver animado rastejou para fora do caixão e cambaleou até ao lado de Malice. Estava fortemente decomposto e muitos dos seus traços já tinham sido completamente corroídos pela decadência, mas Dinin e muitos dos outros na grande capela reconheceram-no imediatamente: era Zaknafein Do'Urden, o lendário mestre de armas.

— *Zin-carla* — perguntou a yochlol — *para que o mestre de armas que ofereceste à Rainha Aranha possa corrigir os erros do teu filho mais novo?*

— *É apropriado* — respondeu Malice. Sentiu que a yochlol estava agradada, tal como esperara. Zaknafein, o tutor de Drizzt, ajudara a inspirar as atitudes blasfemas que tinham levado à ruína do seu filho. Lolth, a rainha

do caos, apreciava ironias, e ter esse mesmo Zaknafein a servir de executor agradar-lhe-ia inevitavelmente.

— *Zin-carla exige grande sacrifício* — chegou a exigência da yochlol. A criatura olhou para a mesa em forma de aranha, onde Rizen estava deitado, sem consciência do que o rodeava. A yochlol pareceu franzir o sobrolho, se era que tais criaturas podiam fazer isso, perante a visão de tão desgraçado sacrifício. Depois, voltou-se de novo para a Matrona Malice e leu-lhe os pensamentos. — *Continua, então* — incitou, subitamente muito interessada.

Malice ergueu os braços, iniciando mais um cântico a Lolth. Fez sinal a Shi'nayne, que avançou para a arca ao lado de Briza e de lá retirou o punhal sacrificial, a mais preciosa posse da Casa Do'Urden. Briza estremeceu quando viu a sua mais recente «irmã» a manejar aquele objecto, cujo punho era o corpo de uma aranha com oito pernas em forma de lâminas a apontar para baixo. Durante séculos, competira a Briza enterrar o punhal cerimonial nos corações das oferendas à Rainha Aranha.

Shi'nayne fez um sorriso de troça para a filha mais velha enquanto se afastava, sentindo a ira de Briza. Reuniu-se a Malice junto à mesa, ao lado de Rizen, e colocou o punhal por cima do coração do patrono condenado.

Malice agarrou-lhe as mãos, para a fazer parar.

— Desta vez, terei de ser eu a fazê-lo — explicou, para espanto de Shi'nayne, que por cima do ombro viu Briza a devolver-lhe o sorriso trocista dez vezes ampliado.

Malice esperou até que o cântico terminasse e a assembleia ficasse em completo silêncio, para depois começar ela própria o cântico adequado.

— *Takken bres dvis bres* — começou, com ambas as mãos empunhando o instrumento mortal.

Um momento mais tarde, o cântico de Malice aproximava-se do fim e o punhal foi erguido bem alto. Toda a casa ficou em tensão, esperando o momento de êxtase, a selvática oferenda à malévola Rainha Aranha.

O punhal desceu, mas Malice virou-o bruscamente para o lado e cravou-o no coração de Shi'nayne, Matrona SiNafay Hun'ett, a sua mais odiada rival.

— Não! — arquejou SiNafay.

Mas estava feito. Oito pernas em forma de lâmina tinham-lhe trespassado o coração. SiNafay tentava falar, para mandar um feitiço de cura a si mesma, ou uma maldição a Malice, mas apenas sangue lhe saía da boca. Arquejando nos últimos sopros de vida, caiu por cima de Rizen.

Toda a casa irrompeu em gritos de choque e alegria enquanto Malice retirava o punhal de SiNafay Hun'ett, juntamente com o seu coração.

— Ardiloso! — gritou Briza por cima do tumulto, pois nem ela soubera

dos planos da Matrona Malice. Mais uma vez, era ela a filha mais velha da Casa Do'Urden, recuperando a posição de honra por que tanto ansiava.

— *Ardiloso!* — ecoou a yochlol no pensamento de Malice. — *Fica sabendo que ficámos agradadas!*

Por detrás daquela cena sangrenta, o cadáver animado caiu como um trapo no chão. Malice olhou para a aia e compreendeu.

— Ponham Zaknafein na mesa, depressa! — instruiu às filhas mais novas.

Estas trataram logo de o fazer, afastando Rizen e SiNafay e colocando o corpo de Zaknafein no lugar.

Também Briza entrou em acção, alinhando cuidadosamente os muitos potes de unguentos que tinham sido exaustivamente preparados para este evento. A reputação da Matrona Malice como a mais hábil fazedora de poções da cidade seria decerto posta à prova nesta tentativa.

Malice olhou para a yochlol.

— Zin-carla? — perguntou em voz alta.

— *Não recuperaste o favor de Lolth!* — chegou-lhe a resposta telepática, tão poderosa que Malice caiu de joelhos. Agarrou a cabeça, pensando que esta iria explodir com a pressão crescente. Gradualmente, a pressão aliviou. — *Mas agradaste à Rainha Aranha neste dia, Malice Do'Urden* — explicou a yochlol. — *E fica acordado que os teus planos para o teu sacrílego filho são adequados. É-te concedido zin-carla, mas fica sabendo que é a tua última oportunidade, Matrona Malice Do'Urden! Os teus maiores receios não chegam nem de longe à verdade das consequências se falhares!*

A yochlol desapareceu numa explosão de uma bola de fogo que fez estremecer a capela da Casa Do'Urden. Os que ali estavam reunidos entraram num frenesim ainda maior perante o poder cru da malévola divindade, e Dinin liderou-os de novo num cântico de louvor a Lolth.

— Dez semanas! — foi o grito final da aia, numa voz tão poderosa que os drow comuns taparam os ouvidos e se atiraram para o chão, encolhidos.

E assim, durante dez semanas, durante setenta ciclos de Narbondel, o relógio diário de Menzoberranzan, toda a Casa Do'Urden se reuniu na grande capela, com Dinin e Rizen a liderar os comuns nos cânticos de louvor à Rainha Aranha, enquanto Malice e as filhas trabalhavam sobre o corpo de Zaknafein com poções mágicas e combinações de encantamentos poderosos.

A animação de um cadáver era um encantamento simples para uma sacerdotisa, mas o zin-carla ia muito para além desse feito. O espírito-espectro, como seria chamado o resultado morto-vivo da operação, era um zombie imbuído das capacidades da sua anterior vida e controlado pela matrona mãe designada por Lolth. Era o mais precioso dos dons de Lolth,

raramente pedido e ainda mais raramente concedido, pois o zin-carla — o regresso do espírito ao corpo — era de facto uma prática arriscada. Apenas através da pura força de vontade das sacerdotisas encantatórias as desejadas capacidades do ser morto-vivo eram mantidas separadas das indesejadas memórias e emoções. O limiar da consciência e do controlo era uma linha ténue por onde caminhar, mesmo tendo em conta a disciplina mental exigida a uma alta sacerdotisa. Além disso, Lolth apenas concedia zin-carla para a execução de determinadas tarefas específicas, e fugir a essa linha de disciplina resultaria inevitavelmente em falhanço.

E Lolth não era misericordiosa para quem falhava.



6 BLINGDENSTONE

Blingdenstone era diferente de tudo o que Drizzt já vira. Quando os guardas svirfnebli o empurraram pelas imensas portas de pedra, esperava uma visão não muito diferente da de Menzoberranzan, embora a uma escala menor. As suas expectativas não poderiam estar mais longe da verdade.

Enquanto Menzoberranzan se espalhava numa única e enorme caverna, Blingdenstone era composta por uma série de câmaras interligadas por túneis baixos. A maior caverna do complexo, logo a seguir às portas de ferro, era a primeira secção onde Drizzt entrara. A guarda da cidade estava ali alojada, e a câmara fora concebida e moldada apenas para a defesa. Dezenas de patamares e o dobro desse número de escadas subiam e desciam, de forma que embora um atacante pudesse estar a apenas três metros de um defensor, poderia ter de subir vários níveis e descer outros tantos para chegar suficientemente perto para o atacar. Paredes baixas de pedras empilhadas e perfeitamente encaixadas definiam as ruas e corriam em volta de paredes mais altas que poderiam manter um exército invasor empacado durante um tempo dolorosamente longo nas secções expostas da câmara.

Grupos numerosos de svirfnebli corriam entre os seus postos para confirmar o rumor de que um elfo drow tinha sido trazido para dentro de portas. Espreitavam Drizzt de cada cornija, e este não podia ter a certeza se as expressões deles mostravam curiosidade ou ultraje. Fosse qual fosse o caso, os gnomos das profundezas estavam certamente preparados contra tudo o que ele pudesse tentar; cada um deles trazia dardos ou grandes arcos, armados e prontos.

Os svirfnebli levaram Drizzt pela câmara, subindo tantas escadas quantas depois desciam, sempre dentro das ruas delineadas e sempre ao alcance de vários outros guardas gnomos nas proximidades. O caminho fazia uma curva e descia, e depois subia rapidamente e voltava a cruzar-se várias vezes consigo mesmo, e a única forma de Drizzt manter a orientação era observando o tecto, que era visível mesmo dos níveis mais baixos da câmara. O drow sorriu para dentro, mas não se atreveu a sorrir verdadeiramente perante o pensamento de que mesmo que não houvesse ali guardas gnomos, um exército invasor passaria provavelmente muitas horas a tentar encontrar o caminho pelo meio daquela única câmara.

Ao fim de um longo e estreito corredor, onde os gnomos das profundezas tinham de avançar em fila única e Drizzt tinha de se encolher a cada passo, o grupo entrou na cidade. Mais larga, mas não tão longa como a câmara anterior, também esta era disposta em muitos níveis, embora menos. Dezenas de entradas para cavernas enchiam as paredes de todos os lados, e havia fogos a arder em vários pontos, o que era uma visão rara no Subescuro, porque o combustível não era fácil de encontrar. Blingdenstone era iluminada e quente, pelos padrões do Subescuro, mas nada desconfortável.

Drizzt sentiu-se à vontade, apesar da óbvia situação difícil em que estava, enquanto observava os svirfnebli ocupados com as suas rotinas diárias a toda a volta. Olhares curiosos recaíam sobre ele, mas não se demoravam; porque os gnomos das profundezas de Blingdenstone eram uma gente industriosa que não tinha tempo para ficar ociosamente a olhar.

Mais uma vez, Drizzt foi levado por caminhos claramente definidos. Estes, na cidade, não eram tão serpenteantes e difíceis como os da caverna de entrada. Aqui, os caminhos seguiam suavemente e a direito, e todos, aparentemente, davam para um grande edifício de pedra central.

O líder do grupo que escoltava Drizzt apressou-se a avançar para falar com dois guardas que ostentavam picaretas, nessa estrutura central. Um dos guardas correu para dentro, enquanto o outro mantinha a porta de metal aberta para deixar entrar o prisioneiro e a sua escolta. Movendo-se com urgência pela primeira vez desde que tinham entrado na cidade, os svirfnebli empurraram Drizzt por uma série de corredores com esquinas apertadas que terminavam numa câmara circular com não mais de dois metros e meio de diâmetro e com um tecto desconfortavelmente baixo. A sala estava vazia, a não ser por uma única cadeira de pedra. Assim que foi colocado nela, Drizzt percebeu a sua finalidade. Havia algemas de aço embutidas na cadeira, e foi acorrentado firmemente em cada extremidade do corpo. Os svirfnebli não eram demasiado delicados, mas quando Drizzt fez um esgar por causa da corrente que lhe rodeava o peito ter subido e o ter apertado,

um dos gnomos das profundezas rapidamente a soltou e voltou a colocar, com firmeza, mas com suavidade.

Deixaram Drizzt sozinho na sala escura e vazia. A porta de pedra fechou-se com um estrondo final e Drizzt não conseguia ouvir nem um som vindo de fora.

As horas passaram.

Drizzt flectiu os músculos, procurando alguma folga nas correntes bem apertadas. Uma mão esticou-se e remexeu-se, apenas para provocar uma dor de aço a cortar no pulso. Estava agora a reverter para o caçador, de novo, agindo para sobreviver e desejando apenas escapar.

— Não! — gritou. Contraindo todos os músculos e obrigou-os a regressar ao seu controlo racional. O caçador tinha conseguido conquistar assim tanto espaço? Drizzt viera até ali de sua vontade e, até aqui, o encontro correria bem melhor do que esperara. Não era o momento para atitudes desesperadas, mas seria o caçador suficientemente forte para se impor até mesmo às decisões racionais de Drizzt?

Não teve tempo para responder a estas perguntas, porque um segundo mais tarde a porta de pedra abriu-se com estrondo e um grupo de sete svirfnebli anciãos — a avaliar pelo número extraordinário de rugas que lhes riscavam os rostos — entrou e dispôs-se em volta da cadeira de pedra. Drizzt percebeu a aparente importância deste grupo, pois enquanto os guardas usavam vestes coçadas de couro com fios de mithral, estes gnomos das profundezas usavam vestes de materiais finos. Afadigavam-se à sua volta, inspeccionando-o atentamente e tagarelando na sua língua indecifrável.

Um svirfnebli pegou no emblema da casa de Drizzt, que tinha sido tirado da bolsa de trazer ao pescoço, e disse:

— Menzoberranzan?

Drizzt abanou a cabeça em concordância, tanto quanto o colar de ferro que tinha no pescoço lho permitia, desejoso de entabular qualquer espécie de comunicação com os seus captivos. Os gnomos das profundezas, no entanto, tinham outras intenções. Voltaram a dedicar-se às suas conversas privadas — e agora muito mais excitadas.

Assim continuaram por vários minutos, e Drizzt conseguia perceber pelas inflexões das vozes deles que um par de svirfnebli estava menos do que entusiasmado por ter como prisioneiro um elfo negro da cidade dos seus mais próximos e mais odiados inimigos. Pelo tom irado da discussão, Drizzt quase esperou que um deles se voltasse a qualquer momento e lhe cortasse a garganta.

Não foi o que aconteceu, claro. Os gnomos das profundezas não eram criaturas cruéis nem intempestivas. Um dos do grupo virou de facto costas

aos outros e avançou para olhar para Drizzt directamente. Perguntou-lhe, indesmentivelmente na língua dos drow, embora com hesitações:

— Pelas pedras, elfo negro! Porque vieste aqui?

Drizzt não sabia como responder a esta simples pergunta. Como poderia começar sequer a explicar os seus anos de solidão no Subescuro? Ou a decisão de abandonar o seu malévolo povo e viver em concordância com os seus princípios?

— Amigo — respondeu simplesmente, e depois remexeu-se desconfortavelmente, achando a resposta absurda e desadequada.

No entanto, o svirfnebli, aparentemente, não pensou assim. Coçou o queixo sem pêlos e considerou esta resposta profundamente.

— Tu... Tu vieste até nós de Menzoberranzan? — perguntou, com o nariz de águia a franzir-se a cada palavra.

— Assim é — respondeu Drizzt, ganhando confiança.

O gnomo das profundezas inclinou a cabeça, esperando que Drizzt desenvolvesse a ideia.

— Deixei Menzoberranzan há muitos anos — tentou Drizzt explicar. Os seus olhos fixaram-se no vazio enquanto recordava a vida que tinha abandonado. — Nunca foi o meu lar.

— Ah, estás a mentir, elfo negro! — guinchou o svirfnebli, exibindo o emblema da Casa Do'Urden e não percebendo as conotações privadas das palavras de Drizzt.

— Vivi muitos anos na cidade dos drow — respondeu rapidamente. — Sou Drizzt Do'Urden, em tempos Segundo Rapaz da Casa Do'Urden — olhou para o emblema que o svirfnebli tinha na mão, estampado com a insígnia da sua família, e explicou: — Daermon N'áshezbaernon.

O gnomo das profundezas voltou-se para os seus companheiros, que começaram todos a falar ao mesmo tempo. Um deles gesticulou de modo excitado, aparentemente reconhecendo o antigo nome da casa do drow, o que surpreendeu Drizzt.

O gnomo das profundezas que tinha estado a interrogá-lo tamborilou com os dedos sobre os lábios, fazendo uns pequenos sons irritantes enquanto considerava a direcção a tomar no interrogatório.

— A Casa Do'Urden continua a existir — notou casualmente, observando a reacção de Drizzt. Como este não respondeu imediatamente, o gnomo das profundezas atirou-lhe subitamente, com tom acusador: — Não és nenhum vadio!

Como podia o svirfnebli saber isso? — interrogou-se Drizzt.

— Sou um renegado por opção... — começou a explicar.

— Ah, elfo negro — respondeu o gnomo das profundezas, de novo calmamente. — Estás aqui por opção, nisso pelo menos posso acreditar. Mas

um renegado? Pelas pedras, elfo negro! — o rosto do gnomo contorceu-se súbita e ameaçadoramente. — És um espião!

Depois, subitamente, o gnomo das profundezas acalmou-se de novo e descontraíu-se, assumindo uma pose mais confortável.

Drizzt observou-o cuidadosamente. Seria este gnomo das profundezas adepto destas abruptas mudanças de atitude, destinadas a apanhar um prisioneiro em falso? Ou seria esta imprevisibilidade uma característica desta raça? Drizzt debateu-se com este problema por um momento, tentando recordar o seu único anterior encontro com gnomos das profundezas. Mas nessa altura o seu interrogador enfiou a mão num bolso muito fundo das suas vestes e mostrou uma estatueta familiar.

— Diz-me, e fala-me a verdade desta vez, elfo negro, e poupa-te a muitas tormentas. O que é isto? — perguntou calmamente.

Drizzt sentiu os músculos retesarem-se de novo. O caçador queria convocar Guenhwyvar, trazer até ali a pantera, para que esta desfizesse aqueles velhos svirfnebli enrugados. Um deles podia ter as chaves das correntes que o aprisionavam — e então estaria livre...

Sacudiu estes pensamentos da cabeça e afastou o caçador dos seus pensamentos. Sabia como a sua situação era desesperada e soubera-o desde o momentos em que decidira ir a Blingdenstone. Se os svirfnebli realmente acreditassem que era um espião, decerto o executariam. Ainda que não estivessem seguros das suas intenções, atrever-se-iam a mantê-lo vivo?

— Foi uma tolice vir aqui — murmurou Drizzt, percebendo o dilema em que se colocara e em que colocara os gnomos das profundezas. O caçador tentou voltar a controlar os seus pensamentos. Bastaria uma palavra para que a pantera aparecesse.

— Não! — gritou Drizzt pela segunda vez nesse dia, afastando esse lado mais negro de si mesmo. Os gnomos das profundezas saltaram para trás, receando que o elfo negro estivesse a lançar um feitiço. Um dardo cravou-se no peito de Drizzt, libertando uma pequena nuvem de gás ao embater.

Drizzt desfaleceu à medida que o gás lhe penetrava as narinas. Ouviu os svirfnebli agitados à sua volta, discutindo o seu destino na sua língua incompreensível. Viu a forma de um deles, apenas uma sombra, a aproximar-se e a agarrar-lhe os dedos, analisando-lhe as mãos em busca de algum componente mágico.

Quando os pensamentos e a visão de Drizzt finalmente clarearam, tudo estava como antes. A estatueta de ónix estava diante dos seus olhos.

— O que é isto? — perguntou o mesmo gnomo das profundezas mais uma vez, mas agora com mais insistência.

— Um companheiro — murmurou Drizzt. — O meu único amigo.

Drizzt pensou intensamente sobre as suas próximas acções por um

longo momento. Não poderia realmente recriminar os svirfnebli se o matassem, e Guenhwyvar deveria ser mais do que uma estatueta a adornar a lareira de um qualquer gnomo das profundezas desconhecedor do que ali estava.

— Chama-se Guenhwyvar — explicou ao gnomo das profundezas. — Convoca-se uma pantera e ela vem, e é um aliado e um amigo. Mantém-na em segurança, pois é preciosa e muito poderosa.

O svirfnebli olhou para a estatueta e depois de novo para Drizzt, com curiosidade e cautela. Entregou a estatueta a um dos seus companheiros e mandou-o embora com ela, sem confiar no drow. Se este tivesse falado verdade, e o gnomo das profundezas não duvidava de que o fizera, Drizzt acabara de lhe revelar o segredo de um artigo mágico muito valioso. O que era ainda mais espantoso era que, se Drizzt tinha falado a verdade, podia ter acabado de desistir da sua única hipótese de escapar. Este svirfnebli tinha vivido já quase dois séculos e conhecia tão bem os usos dos drow como todos os da sua raça. Quando um elfo negro agia de forma inesperada, como este acabara de fazer, isso deixava os svirfnebli profundamente perturbados. Os elfos negros eram cruéis e malévolos por natureza e por reputação merecida, e quando um drow se enquadrava nesse padrão podia ser tratado com eficiência e sem remorsos. Mas o que poderiam os gnomos das profundezas fazer com um drow que mostrava pelo menos algum rasto de moral?

Os svirfnebli regressaram às suas conversas privadas, ignorando Drizzt por completo. Depois, saíram, à excepção do único que conseguia falar a língua dos elfos.

— O que vão fazer? — atreveu-se Drizzt a perguntar.

— O julgamento compete apenas ao rei — respondeu o gnomo das profundezas sobriamente. — Ele decidirá da tua sorte durante vários dias, provavelmente, baseando-se nas observações do seu conselho consultivo, do grupo que acabaste de conhecer — o gnomo das profundezas fez uma vénia profunda, e depois olhou bem nos olhos de Drizzt enquanto se levantava de novo e dizia secamente: — Suspeito, elfo negro, que serás executado.

Drizzt assentiu com a cabeça, resignado à lógica que pediria a sua execução.

— Mas eu acredito que és diferente, elfo negro — prosseguiu o gnomo das profundezas. — Suspeito, também, de que recomendarei leniência, ou pelo menos misericórdia na execução.

Com um rápido encolher dos ombros fortes, o svirfnebli virou costas e dirigiu-se para a porta.

O tom das palavras do gnomo das profundezas soou familiar a Drizzt.

Outro svirfnebli falara-lhe de forma semelhante, com palavras muito parecidas, muitos anos antes.

— Espera — chamou Drizzt.

O svirfnebli parou e virou-se, e Drizzt debateu-se com os seus pensamentos, tentando lembrar-se do nome do gnomo das profundezas que salvara nessa ocasião.

— Um gnomo das profundezas... — disse Drizzt. — Da tua cidade, creio. Sim... Teria de ser...

— Conheces alguém do meu povo, elfo negro? — perguntou o svirfnebli, regressando para junto da cadeira de pedra. — Diz-me o nome dele.

— Não sei — respondeu Drizzt. — Eu era membro de um grupo de patrulha, há muitos anos, talvez há uma década. Combatemos contra um grupo de svirfnebli que se tinha aproximado da nossa região — estremeceu ao ver a expressão carrancuda do gnomo das profundezas, mas prosseguiu, sabendo que o único sobrevivente svirfnebli dessa luta poderia ser a sua única esperança. — Só um gnomo das profundezas sobreviveu, creio eu, e regressou a Blingdenstone.

— E como se chamava esse sobrevivente? — exigiu saber o gnomo das profundezas irritadamente, com os braços cruzados firmemente sobre o peito e com a bota pesada a bater no chão de pedra.

— Não me lembro — admitiu Drizzt.

— Porque me contas isso? — resmungou o gnomo. — Pensei que fosses diferente dos...

— Perdeu ambas as mãos na batalha — prosseguiu Drizzt, teimosamente. — Por favor... Deves saber quem é.

— Belwar? — respondeu o svirfnebli imediatamente. O nome reacendeu ainda mais recordações em Drizzt.

— Belwar Dissengulp — quase gritou Drizzt. — Então está vivo! É capaz de se lembrar...

— Nunca esquecerá esse dia malfadado, elfo negro! — declarou o gnomo das profundezas entredentes, com um tom claramente irritado na voz. — Ninguém em Blingdenstone esquecerá jamais esse dia!

— Chama-o! Chama Belwar Dissengulp! — pediu Drizzt.

O gnomo das profundezas saiu da sala, abanando a cabeça perante as contínuas surpresas do elfo negro.

A porta de pedra bateu com força, deixando Drizzt sozinho para contemplar a sua própria mortalidade e para pôr de parte as esperanças que não se atrevia a manter.

* * *

— Pensaste que te deixaria escapar? — dizia Malice a Rizzen quando Dinin entrou na antecâmara da capela. — Foi apenas uma artimanha para manter afastadas as suspeitas de SiNafay.

— Obrigado, Matrona Mãe — respondeu Rizzen com sincero alívio. Fazendo vénias a cada passo, recuou do trono de Malice.

Malice olhou em volta, para a família reunida.

— As nossas semanas de esforços terminaram — proclamou. — Zin-carla está terminado!

Dinin esfregou as mãos com ansiedade. Apenas as fêmeas da família tinham visto o resultado do seu trabalho. A um sinal de Malice, Vierna dirigiu-se a uma cortina de um dos lados da sala e puxou-a. Ali estava Zaknafein, o mestre de armas, já não como um cadáver decomposto, mas mostrando uma vitalidade que apenas possuía em vida.

Dinin balançou-se nos calcanhares enquanto o mestre de armas avançava para ficar frente à Matrona Malice.

— Tão elegante como sempre foste, meu caro Zaknafein! — ronronou Malice ao espírito-espectro. A coisa morta-viva não deu qualquer resposta.

— E mais obediente — acrescentou Briza, suscitando gargalhadinhas de todas as fêmeas.

— Isto... Ele... Ele é que irá apanhar Drizzt? — atreveu-se Dinin a perguntar, embora compreendesse bem que não estava em posição de falar.

Malice e as restantes estavam demasiado absorvidas pelo espectáculo de Zaknafein para castigar o deslize do Rapaz Mais Velho.

— Zaknafein exercerá o castigo que o teu irmão tão profundamente merece — prometeu Malice, com os olhos a brilhar perante tal ideia. — Mas esperem — disse depois, friamente, desviando o olhar do espírito-espectro para Rizzen. — Ele está demasiado bonito para inspirar medo no meu imprudente filho.

Os restantes trocaram olhares de interrogação, indagando-se se Malice estava a tentar aplacar ainda mais Rizzen pelo tormento por que o fizera passar.

— Vem, meu marido — disse Malice para Rizzen. — Pega na tua espada e marca o rosto do teu rival morto. Saber-te-á bem, e inspirará o terror em Drizzt quando olhar para o seu antigo mentor!

Rizzen moveu-se hesitantemente, ao princípio, e depois ganhou confiança à medida que se aproximava do espírito-espectro. Zaknafein manteve-se perfeitamente imóvel, sem respirar ou pestanejar, aparentemente inconsciente dos acontecimentos à sua volta. Rizzen levou a mão à espada, olhando para Malice uma vez mais, para obter a confirmação.

Malice fez sinal que sim. Com um esgar, Rizzen puxou a espada da bainha e lançou-a para a cara de Zaknafein.

Mas a espada nem chegou perto.

Mais depressa do que algum deles conseguisse perceber, o espírito-espectro explodiu em acção. Duas espadas saíram e golpearam, rodopiando e atacando com perfeita precisão. A espada saltou das mãos de Rizzo e, antes que o condenado patrono da Casa Do'Urden pudesse proferir uma única palavra, uma das espadas de Zaknafein atravessou-lhe a garganta, enquanto a outra lhe mergulhava no coração.

Rizzo estava morto antes de cair no chão, mas o espírito-espectro não terminara ainda com ele. As armas de Zaknafein continuaram o ataque, retalhando Rizzo uma dúzia de vezes até Malice, satisfeita com a exibição, o mandar parar.

— Aquele maçava-me — explicou Malice perante os olhares incrédulos dos filhos. — Já tenho outro patrono seleccionado de entre os comuns.

Não fora, porém, a morte de Rizzo a inspirar as expressões de espanto nos rostos dos filhos de Malice; não se ralavam nada com os parceiros que a mãe escolhia para patronos da casa, que eram sempre posições temporárias. Fora a rapidez e destreza do espírito-espectro que lhes tirara o fôlego.

— Tão bom como em vida — notou Dinin.

— Melhor ainda! — respondeu Malice. — Zaknafein é tudo o que foi como guerreiro, e agora a destreza em combate é a única coisa que domina todos os seus pensamentos. Não verá nada que o distraia do seu rumo escolhido. Olhem bem para ele, meus filhos. Zin-carla, a dádiva de Lolth — virou-se para Dinin e sorriu malevolamente.

— Não me aproximarei dessa coisa — murmurou Dinin, pensando que a sua macabra mãe pudesse desejar uma segunda exibição.

Malice riu-se dele.

— Não tenhas medo, Rapaz Mais Velho. Não tenho motivos para te fazer mal.

Dinin não ficou nada aliviado por estas palavras. Malice não precisava de motivos; o corpo retalhado de Rizzo mostrava isso demasiado claramente.

— Conduzirás o espírito-espectro para o exterior — disse Malice.

— Para o exterior? — perguntou Dinin, hesitante.

— Sim, para a região onde encontraste o teu irmão — explicou Malice.

— Devo ficar ao lado dessa coisa? — tartamudeou Dinin.

— Leva-o para lá e deixa-o — respondeu Malice. — Zaknafein conhece a sua presa. Foi imbuído de encantamentos para o ajudarem na sua caça.

Ao lado de Malice, Briza parecia preocupada.

— Que foi? — perguntou-lhe Malice, vendo-a franzir o sobrolho.

— Não duvido dos poderes do espírito-espectro, nem da magia de que

o impregnaste — começou Briza, hesitante, sabendo que Malice não aceitaria discordâncias relativamente a esta matéria tão importante.

— Ainda receias o teu irmão mais novo? — perguntou-lhe Malice.

Briza não soube como responder.

— Refreia os teus medos, por muito válidos que penses que sejam — disse Malice calmamente. — Todos vós. Zaknafein é uma dádiva da nossa rainha. Nada no Subescuro o poderá parar! — Olhou depois para o monstro morto-vivo. — Não me falharás, pois não, meu mestre de armas?

Zaknafein manteve-se impassível, com as espadas ensanguentadas de novo embainhadas, as mãos ao lado do corpo e os olhos fixos. Parecia uma estátua, sem sequer respirar. Não vivo.

Mas quem quer que pensasse que Zaknafein não estava animado só precisava de olhar para os seus pés, para o monte disforme e mutilado de carne que fora antes o patrono da Casa Do'Urden.